

Tempo Livre

DIRETOR
JOSÉ MANUEL DA COSTA SOARES
JORNAL BIMESTRAL | 3.ª SÉRIE • 1€
N.º 55 • SET-OUT 2025



VANDO CAMPOS

HISTÓRIAS
DA MINHA TERRA
BARRANHA

CIDADE DAS TRADIÇÕES
"COM A PRONÚNCIA
DO NORTE"
LISBOA, 26 A 28
DE SETEMBRO



ENTREVISTA
HÉLDER PACHECO
"O ESTEIO FUNDAMENTAL
DE UMA DEMOCRACIA SAUDÁVEL
É A CLASSE MÉDIA"

*Mais razões
para escolher os*

Hotéis
INATEL

até
30%
DESCONTO



CONDIÇÕES: sujeito a disponibilidade e confirmação por parte das unidades hoteleiras; condições válidas para estadias mínimas de 2 noites consecutivas, em quarto duplo ou individual, com pequeno-almoço incluído; as tarifas são não reembolsáveis; os descontos, até ao máximo de 30%, variam consoante o hotel e o mês, e nem todas as unidades estão abrangidas por esta campanha; válido para reservas efetuadas até 30 de outubro, para estadias até 31 de outubro; campanha não acumulável com outros descontos em vigor

*para mais informações, consulte as Condições Gerais da campanha

ÍNDICE

4
COLUNA DO PROVEDOR5
NOTÍCIAS | CIDADE
DAS TRADIÇÕES8
HISTÓRIAS DA MINHA TERRA:
BARRANHA10
AGENDA DELEGAÇÕES11
VIAGEM: MERCADOS DE NATAL
NA ALSÁCIA12
ENTREVISTA: HÉLDER PACHECO14
REPORTAGEM: REGIÃO
DEMARCADADA DO DOURO16
CIDADE DAS TRADIÇÕES:
PELO AMOR DA MÚSICA18
CIDADE DAS TRADIÇÕES:
MARCAS COM HISTÓRIA19
TEATRO DA TRINDADE: "ALICE NO
PAÍS DAS MARAVILHAS"20
MEMÓRIAS DE JÚLIO ISIDRO |
PASSATEMPOS21
O CAIS DO OLHAR | CANTO
DOS LIVROS22
CRÓNICA:
PEDRO MESQUITA

EDITORIAL



JOSÉ MANUEL DA COSTA SOARES
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO INATEL

TERRAS DE PAZ E PROTEÇÃO



Vivemos tempos de desafios sem precedentes. Na verdade, em plena era do desenvolvimento da Inteligência Artificial, a velocidade parece levar-nos rapidamente para fora dos nossos hábitos tradicionais e, mais ainda, para um mundo digital e virtual, desligado de alguns dos sentidos que dão sentido às nossas vidas.

Santo Agostinho deixou-nos a identificação de três tempos: *“Um presente das coisas passadas, um presente das coisas presentes e um presente das coisas futuras. O presente das coisas passadas é a memória, o presente das coisas presentes é a vida e o presente das coisas futuras é a espera.”*

Partilho, neste contexto, a minha experiência pessoal como membro da Confraria Gastronómica do Capão à Freamunde, uma Associação preocupada em manter vivas as tradições de uma região cuja origem do seu nome remete para *“terra de paz e proteção”*.

Em cada nosso encontro, no presente, convocamos as memórias de sabores, cheiros e, sobretudo, revivem-se recordações desde a infância. Todas guardadas no coração com a mesma ingenuidade e genuína alegria de sempre.

Na Fundação INATEL *tradição* sempre rimou com paixão. Este ano em que comemoramos 90 anos, vamos celebrar o Património Cultural Imaterial (PCI), com a construção de uma nova edição da *Cidade das Tradições*. Uma cidade local de encontros e reencontros, para viver com alegria o presente e projetar com esperança o futuro.

O PCI liga gerações e através das suas diversas formas de expressão, mostra toda a sua força e a sua permanente contemporaneidade.

A edição deste ano será marcada pela *pronúncia do Norte*, com a Região de Tu-

rismo do Porto e Norte em destaque, mas todo o país estará representado, cabendo aqui uma palavra particular para a celebração dos 10 anos de inscrição do Cante Alentejano como Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Serão também assinalados os 50 anos de independência dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), homenageando a cooperação, promovendo o diálogo entre as comunidades e o papel da cultura, educação e cooperação como pontes para o futuro.

A Fundação INATEL, no cumprimento da sua missão, foi pioneira na defesa do PCI, servindo de plataforma privilegiada de encontro entre associações, agentes culturais, academia e instituições, promovendo o diálogo aberto sobre a defesa das nossas raízes culturais.

Há muito acreditada junto da Unesco para a Salvaguarda do PCI, a INATEL integra a rede de entidades nacionais com atuação no domínio do estudo, divulgação e valorização da cultura popular.

Não temos dúvidas que o PCI é uma *força motriz*, quer de desenvolvimento humano, quer do desenvolvimento económico e social. É por isso que levamos muito a sério, designadamente, todo o apoio aos nossos Centros de Cultura e Desporto (associados coletivos), cuja atividade nas suas respetivas regiões é crucial e exemplar neste âmbito.

Este ano o “nosso” histórico Parque de Jogos 1.º de Maio, em Lisboa, nos dias 26, 27 e 28 de setembro, será de novo o palco de uma festa única, para viver com intensidade e muita alegria, através da partilha de recordações fortes, mas com o olhar no futuro, promovendo uma cultura de paz e harmonia.

Caro associado, conto consigo nesta *Cidade das Tradições*, até lá!

LER JORNAL É SABER MAIS!
DE FORMA SEGURA
E SEM O VÍRUS DA DESINFORMAÇÃO.



COLUNA
DO PROVEDOR

MANUEL CAMACHO

provedor.inatel@inatel.pt

Podemos considerar este verão de 2025 um “verão” absolutamente escaldante.

Escaldante, pelas temperaturas elevadíssimas que

bateram recordes desde que há registos.

Escaldante, pelos inúmeros incêndios que assolam o nosso país e o mundo, infelizmente em muitos casos devido à maldade humana e ao grave problema do aquecimento global.

Escaldante, porque as guerras e os conflitos continuam, na sua maioria sem um fim à vista. O drama humanitário de Gaza, cuja resolução tarda devido à intransigência dos intervenientes e à incapacidade do resto do mundo. A guerra na Ucrânia provocada pela invasão russa e cujo fim também não se prevê. Além destes, sobretudo na Ásia e no Continente Africano, há conflitos que teimam em manter-se apesar da intervenção da ONU e outras organizações que continuam a lutar pela paz.

Mas o verão está a terminar e vem aí a “rentrée”, esperemos que com temperaturas mais baixas e maiores e melhores intensões de paz.

Logo no início do outono, Portugal vai ter novamente eleições, desta vez, autárquicas. Há muitas expectativas quanto a estas eleições porque além de haver muitos presidentes que não se podem recandidatar, o quadro político nacional está em constante evolução. Fazemos votos para que os resultados sejam positivos para as populações e que promovam o desenvolvimento local, que é o motor de todo o país.

Vamos ter esperança e acreditar que os valores de uma sociedade solidária e proativa se sobreponham e ajudem a resolver os problemas deste “verão” de 2025 e não só.

PROTOCOLO
FIRMADO
COM IGFSS

O presidente da Fundação INATEL, José Manuel da Costa Soares, e o presidente do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social (IGFSS), Nuno Venes, assinaram um protocolo de cooperação, visando o desenvolvimento cultural, desportivo e de atividades de lazer e turismo dos associados de ambas as instituições.

A celebração do protocolo realizou-se no salão nobre da Fundação INATEL, na presença da administradora, Teresa Costa, e do vice-presidente do IGFSS, Pedro Serasqueiro.

INATEL CELEBRA PROTOCOLO COM FUNDAÇÃO DO
DESPORTO E FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ATLETISMO

Com o objetivo de se potenciar a missão da Fundação INATEL e a Fundação do Desporto, foi celebrado um protocolo entre ambas as entidades, no dia 31 de julho. O protocolo visa promover não só sinergias envolvendo a Rede Nacional dos Centros de Alto Rendimento – HIGHSPORTUGAL gerida pela Fundação do Desporto e a Rede de Unidades Hoteleiras da Fundação INATEL, mas também o desenvolvimento e a promoção da prática desportiva para todos.

No ato de assinatura, que decorreu no salão nobre da sede, estiveram presentes

a vice-presidente e a vogal do conselho de administração da INATEL, Eduarda Marques e Teresa Costa, e a presidente e vice-presidente da Fundação do Desporto, Susana Feitor e Anabela Reis, bem como o diretor executivo Paulo Marcolino.

No âmbito da preparação da parceria estratégica a desenvolver entre a Fundação INATEL e a Federação Portuguesa de Atletismo, a vice-presidente do conselho de administração, Eduarda Marques, reuniu, também, com o presidente da Federação, Domingos Castro. Em representação da Federação estiveram, ainda, presentes

Paulo Guerra, vice-presidente, Marco Velloso e José Serrano, bem como o assessor do conselho de Administração para a área do Desporto, Paulo Rocha, e o diretor do Departamento de Desporto, José Carvalho.

Esta parceria, que alarga as oportunidades de promoção de prática desportiva junto de todos os segmentos da população, deu lugar à assinatura de um protocolo conjunto de cooperação. Na ocasião, Domingos Castro ofereceu simbolicamente à Fundação INATEL a camisola que representa Portugal nos eventos desportivos nacionais e internacionais.

INATEL E ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO

Foi celebrado um protocolo de colaboração entre a Associação Comercial do Porto e a Fundação INATEL, em julho último, pelos seus presidentes, Nuno Botelho e José Manuel da Costa Soares.

A cerimónia teve lugar no emblemático Salão Árabe, reforçando o compromisso mútuo na promoção de iniciativas de interesse comum em várias áreas.

O encontro incluiu também uma ação comercial de apresentação das valências e serviços da Fundação INATEL, dirigida aos associados da Associação Comercial do Porto. Uma parceria que reforça laços e abre caminho a novas oportunidades.



CIDADE DAS TRADIÇÕES COM A PRONÚNCIA DO NORTE

Retomando o mote da edição de 2015, a Cidade das Tradições volta a convocar o país, e em especial a região Norte, para uma grande celebração do nosso Património Cultural Imaterial, no Parque de Jogos 1.º de Maio, em Lisboa, ao ar livre, com um programa diversificado para todos os públicos, feito de música, dança, cinema, teatro, fotografia, gastronomia, artes e ofícios, brinquedos e jogos tradicionais, dias 26, 27 e 28 de setembro.

MÚSICA E DANÇA

• Sons do Douro

Por entre melodias singulares, pipas de vinho, cestas, pés descalços e tudo o que o Douro enraizou, os Sons do Douro, sob coordenação de Liliã Abreu, sobem ao palco para narrarem histórias reais e ficcionadas através de som, luz e palavra, num encontro entre música popular e percussão contemporânea.

• Cantadores da Aldeia Nova de São Bento e Quatro Ao Sul com Isabel Silvestre e Vozes de Manhouce

O canto polifónico feminino de Manhouce e o cante alentejano reúnem-se, a muitas vozes, para partilharem um património comum baseado no cancionário tradicional português, a que se juntam temas originais de José Barros (direção musical do projeto), compostos para assinalar o reconhecimento do Cante como Património Imaterial da Humanidade pela Unesco.

• “Nun me Lhembra de Squecer”, Jazz em Mirandês

O Jazz também pode ser cantado em mirandês e quem nos confirma é o admirável projeto de Isabel Ventura e seu trio, que junta os sons identitários da língua mirandesa ao idioma jazzístico.

• Orquestra de Bandolins de Esmoriz com “Suite Bandopipo”

A fusão inovadora de música e tanoaria deu origem a esta obra, composta por quatro movimentos que narram os diferentes estágios da vinicultura, desde a produção do pipo, tendo como instrumento solista o singular Bandopipo.

Retimbrar e Sopa de Pedra

• Concerto liderado por dois projetos portugueses vibrantes e audazes de reinvenção da música tradicional portuguesa, que convidam a que todos entremos no baile: coletivo criativo de oito músicos alimentados pelo património rítmico português, inventores do movimento e estilo *TugaBeat*, e o grupo de investigação musical composto por dez mulheres, autoras de arranjos *a capella* de canções de trabalho, protesto e ruralidade, resgatando a riqueza da herança polifónica do país.

• Daniel Pereira, Showcase de cordofones e percussão tradicional

Concerto intimista, a solo, que dá protagonismo à variedade de cordofones, melodias, ritmos e percussões tradicionais e às várias sonoridades, com particular foco no nosso pequeno grande tetracórdio – o cavaquinho.

• Chulada de Ponte Velha

Coletivo originário de Santo Tirso dedicado ao repertório da “chula” – género musical de andamento ligeiro, originário do Alto Douro – regido pelas obrigatórias gaitas-de-foles, violinos e percussão, prometendo muito pé dançante e animação.

• Projeto Rizoma + Orquestra Geração

Uma exultante celebração das culturas musicais dos PALOP, reunindo a Orquestra Geração, composta por jovens músicos, e artistas convidados da lusofonia – Clismar Carvalho, maestro da orquestra social Rizoma em S. Tomé e Príncipe, e as grandes vozes de Anastácia Carvalho, Karyna Gomes, Isabel Novella, a violinista Edvânia Moreno, o percussionista Iúri Oliveira, e o mestre griot do Kora, Braima Galissá.

Evento de entrada livre, pensado e preparado como convite à participação espontânea em todas as atividades, e à troca de experiências com artistas e artesãos, que ensinam a tocar os seus instrumentos, a dançar as suas modas, a laborar os seus ofícios, criando oportunidades para descobrir segmentos de um mapa cultural até aqui, porventura, desconhecido.

TEATRO

• Teatro Dom Roberto por Teatro e Marionetas de Mandrágora (Filipa Mesquita)

Teatro profundamente interventivo com o público, que convoca a comicidade e os sentimentos mais primários, onde o Roberto faz a plateia gritar, saltar das cadeiras, criar laços, e as histórias são herança de uma tradição que chegou até nós.

• Recriação da “Lenda do Galo e Barcelos”

A Associação Amigos do Pato de Rio Côvo é conhecida pelas suas encenações desta lenda, utilizando trajes típicos e reproduzindo-a cenicamente, atraindo visitantes e tornando-se um ponto turístico importante para a região. Esta é a sua primeira apresentação fora de Barcelos.

• “Mulheres Móveis” por Astro Fingido Associação Cultural

Performance que presta homenagem às mulheres carreiteiras, que transportavam os móveis à cabeça em Paredes. Partindo dos seus testemunhos, acompanhamos as histórias e memórias de Maria, Letinha, Justa e Sãozinha, que trilharam esse caminho de sacrifício, pontuado por momentos de alegria e solidariedade.

CINEMA

Práticas, representações, expressões e

conhecimentos do património imaterial em registo cinematográfico/videográfico com seleção de títulos por Doclisboa – Festival Internacional de Cinema, Museu do Douro e as associações Ao Norte – Produção e Animação Audiovisual e Filmes aos Montes.

OFICINAS E TERTÚLIAS

Arte da filigrana, brinquedo tradicional, bordados tradicionais, calçada portuguesa, construção de cabeçudos, construção de cordofones, construção de marionetas, contradanças e quadrilhas do Alto-Douro, dança da cana verde cruzada, dança siga a rusga, execução do cavaquinho, fotografia *à la minute*, loiça preta de Bisalhães, máscara e fato do careto de Podence, percussão tradicional, pipacástica24 e o bandopipo, pipas de vinho – percussão e tanoaria, polifonias femininas, rendas de bilros.

GASTRONOMIA

Chef Hélio Loureiro, Chef Marco Gomes, Confraria do Covilhete, Confraria do Pão da Regueifa e do Biscoito, Queimada Galega.

ARRUADAS E DESFILES

Banda de Gaitas de São Tiago de Cardielos, Banda Plástica de Barcelos, Caretos de Podence, Castanholas de Freamunde, Chocalheiros de Vila Verde de Ficalho, Gaiteiros de Ponte Velha, Rancho Folclórico do Porto/Pregões Antigos. **SOFIA TOMAZ**



MEDALHA PARA A INATEL DA CIDADE DE VILA REAL

A Fundação INATEL recebeu do presidente do município de Vila Real, Alexandre Favaio, no passado 17 de julho, a medalha evocativa do centésimo aniversário da elevação de Vila Real à categoria de cidade, reconhecendo o trabalho da Delegação INATEL de Vila Real, na construção de uma comunidade mais coesa, solidária e inovadora.

SONS SOLTOS EM INATEL OEIRAS

A Delegação INATEL Alvalade organiza, na unidade hoteleira de Oeiras, uma tarde de animação, com a atuação do Grupo de Concertinas da Casa do Concelho de Castro Daire e insufláveis para crianças, dia 13 de setembro, às 15 horas. A entrada é livre. Mais informações: T. 211 156 025 | inatel-alvalade@inatel.pt.

PALCO INATEL NA 10.ª EDIÇÃO DO FÓLIO

A Fundação INATEL, coorganizada do Fólio – Festival Literário Internacional de Óbidos, desde 2019, na programação dos concertos Folia, este ano leva Expresso Transatlântico, 9 de outubro, 22h00; Orquestra de Jazz de Leiria, 10 de outubro, 22h00; A Cantadeira apresenta “Tecelã”, 11 de outubro, 22h00; Hélder Moutinho canta João Monge, 17 de outubro, 22h00; O Gajo – Projeto Trovoada, 18 de outubro, 22h00; Banda Filarmónica Obidense e Uxu Kalhus, 19 de outubro, 19h00.

No programa do Fólio Boémia apresenta o concerto Café Central, Associação Tornado de Letras, no Jardim do Solar de Santa Maria, 11 de outubro, 19h00, e Camerata Cordas de Leiria, na Igreja da Misericórdia, 18 de outubro, 19h00.

O Festival Literário Internacional de Óbidos, um dos mais importantes eventos literários do país, que este ano celebra a 10.ª edição, com o tema Fronteiras, reúne anualmente centenas de autores, ilustradores, músicos e outros artistas, na Vila Literária.

FUNDAÇÃO INATEL RECEBIDA EM TIMOR POR RAMOS-HORTA

A vice-presidente da Fundação INATEL, Eduarda Marques, foi recebida em audiência pelo Presidente da República Democrática de Timor-Leste, José Ramos-Horta, em finais de julho.

O encontro teve como objetivo a apresentação de cumprimentos institucionais e o reforço dos laços de amizade e cooperação com a Fundação INATEL.

Esta iniciativa inscreve-se no quadro da

valorização das iniciativas culturais, desportivas, sociais e turísticas, com impacto junto das duas comunidades.

A deslocação da vice-presidente da INATEL a Díli inseriu-se no âmbito dos XII Jogos Desportivos da CPLP e na conferência “Ética no Desporto na CPLP”, com uma intervenção sobre os principais desafios no contexto da ética e do valor do desporto no mundo do trabalho, com especial enfoque no universo de países que compõem a CPLP.



JULIETA & ROMEU VENCE 7.ª EDIÇÃO DO PRÉMIO MIGUEL ROVISCO

Julietta & Romeu – uma peça para um par de desditos amantes, de Ricardo Correia, é o texto vencedor da 7.ª edição do Prémio Miguel Rovisco – Novos Textos Teatrais.

O Prémio Miguel Rovisco – Novos Textos Teatrais é atribuído anualmente pelo Teatro da Trindade INATEL e constitui um incentivo à escrita de obras originais em língua portuguesa, na área do Teatro. Além do prémio pecuniário e da edição do texto em livro, a peça é produzida e levada a cena no

Teatro da Trindade INATEL. Este espetáculo é gravado e emitido pela RTP.

No âmbito do prémio, Julieta & Romeu – uma peça para um par de desditos amantes é editado e o lançamento do livro decorre no dia 11 de setembro, após o espetáculo.

O espetáculo, com encenação de Flávio Gil, está em cena de 11 de setembro a 26 de outubro, de quarta a domingo, às 19h00, na Sala Estúdio. Conversa com o público, 12 de outubro, após o espetáculo.

PEDRO MACEDO/FRAMED PHOTOS



ACADEMIA SABER QUEM SÃO, O QUE FAZEM E O QUE PRECISAM OS ASSOCIADOS COLETIVOS DA FUNDAÇÃO INATEL

No quadro da sua missão de apoio ao Associativismo, e visando uma melhor compreensão das realidades e necessidades de um tecido associativo muito plural, a Fundação INATEL lançou, através da Academia, uma grande iniciativa de Levantamento de Necessidades de Formação dirigidas aos seus associados coletivos

O lançamento deste instrumento essencial para um diagnóstico teve como objetivo reforçar as competências dos Centros de Cultura e Desporto e apoiar o seu crescimento e desenvolvimento nas áreas em que atuam. Enquadra-se também nos princípios da Educação e Aprendizagem ao Longo da Vida, componente crucial dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que defendem uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos e capacitando os indivíduos com conhecimentos, habilidades e valores necessários para enfrentar os desafios sociais, económicos, culturais e ambientais.

É nesse contexto e no quadro da missão da Fundação INATEL, que se lançou este levantamento dirigido aos dirigentes associativos dos vários Centros de Cultura e Desporto e Associações e que até 29 de agosto puderam dar o seu contributo para uma melhor identificação das reais necessidades formativas das suas organizações.

De referir que esta iniciativa, para além de recorrer a um instrumento técnico essencial para o desenho das atividades de formação, espelha também novas orientações, já anunciadas, de uma intervenção da Academia INATEL na formação dirigida às suas áreas de missão, nomeadamente a Cultura, o Desporto, o Turismo. Bem como do alinhamento institucional da Fundação com as metas do Plano de Envelhecimento Ativo e Saudável.

Por outro lado, este Levantamento de Necessidades de Formação cumpriu também um outro objetivo, transversal a toda a intervenção da Fundação, o da atualização das bases de dados sobre os associados coletivos, permitindo melhor a caracterização dos mesmos.

O questionário, de simples preenchimento através de um formulário online, depois de proceder à identificação da organização, quanto à sua missão, públicos-alvo, da sua missão, dos seus corpos sociais, do número de associados, das suas fontes de financiamento, dos seus canais de comunicação, das suas áreas de atividade, questionava, sobre as prioridades de formação, abrangendo áreas como, entre outras, Contabilidade e Finanças, Comunicação e Marketing, Recursos Humanos, Associativismo Cultural, Transição Digital, Inteligência Artificial, Segurança Higiene e Saúde no Trabalho. J.P.N.

DESPORTO

FUNDAÇÃO INATEL ASSINALA A SEMANA EUROPEIA DO DESPORTO COM INICIATIVAS PARA TODOS

A Semana Europeia do Desporto é uma campanha anual promovida desde 2015 pela Comissão Europeia para incentivar a prática regular de atividade física e desporto, combater o sedentarismo e promover estilos de vida saudáveis. Decorre simultaneamente em dezenas de países, Portugal incluído, e envolve instituições, clubes, autarquias e associações que, ao longo desta semana, desenvolvem ações abertas à comunidade.

A edição de 2025, de 23 a 30 de setembro, organiza-se diariamente em torno de temas que, destacando diferentes dimensões da atividade física, procuram mobilizar públicos distintos.

Este ano a Fundação INATEL, reforçando o seu papel de promotora do bem-estar e do lazer ativo, associa-se à Semana Europeia do Desporto com várias atividades realizadas no Parque de Jogos 1.º de Maio em Lisboa e nas Delegações Regionais.

Das várias iniciativas no Parque de Jogos 1.º de Maio, em Lisboa, destaque para as diferentes variantes do Dia de Desporto, consoante os seus diversos públicos, nomeadamente trabalhadores, seniores, crianças e jovens, famílias ativas e Dia do Desporto Inclusivo.



Estas atividades vão ter enquanto parceiras associações e organizações como Academias e Universidades Seniores, grupos e classes de ginástica sénior existentes na comunidade, Associação Salvador e Associação Jorge Pina que se dedicam ao desporto inclusivo. Vão ser realizados dois “webinars”, um sobre a importância da promoção da atividade física em contexto laboral, o outro sobre os desa-



fios da inclusão no desporto e na vida. A mensagem é clara: mais do que um evento de sete dias, esta semana é um ponto de partida para um estilo de vida mais ativo, que a Fundação INATEL quer ver prolongado ao longo de todo o ano.

PARQUE DE JOGOS 1.º DE MAIO

No coração de Lisboa, o Parque de Jogos 1.º de Maio da Fundação INATEL,

um ponto de encontro para todas as gerações, um lugar acessível a crianças, jovens, adultos e seniores, lança o desafio para a inscrição nas atividades da próxima temporada, nomeadamente para as escolas de Padel, Ténis, Badminton, Futebol, Judo ou Taekwondo, e para as diferentes atividades de exercício e saúde, como Ginástica, Pilates, Zumba, treino localizado e funcional, ou sala de exercício onde há sempre profissionais disponíveis para apoiarem e garantirem a qualidade do treino e atividade.

Informações: Delegação INATEL Alvalade – Av. Rio de Janeiro, de segunda a sexta, das 9h00 às 19h00, e sábado, das 9h00 às 13h00 – T. 211 156 024 | email: inatel.alvalade@inatel.pt J.P.N.



GRANDE FESTA DE Natal



**INATEL
CAPARICA
13 DEZ 2025**

com **Marco Rodrigues**



UM EVENTO SOLIDÁRIO, ONDE ESTAR PRESENTE SIGNIFICA UM PRESENTE NA VIDA DE ALGUÉM!

INFO E RESERVAS: turismo@inatel.pt | turismo.inatel.pt | Delegações INATEL

HISTÓRIAS DA MINHA TERRA BARRANHA

“O MELHOR: AS PESSOAS, QUE SÃO MEIGAS UMAS COM AS OUTRAS”



Nesta ‘Aldeia dos Sonhos’ da Fundação INATEL, no concelho de Aguiar da Beira, distrito da Guarda, encontramos gentes, histórias e produtos genuínos que ajudam a contar uma parte da cultura tradicional. Barranha é casa portuguesa, com certeza

Com personalidade marcante e talento para tocar flauta, Ana Teixeira, 17 anos, vive em Barranha, a localidade vencedora do programa ‘Aldeia dos Sonhos’, que tem pouco mais de 50 habitantes. Ana frequenta o ensino secundário a poucos quilómetros dali, em Aguiar da Beira, e confessa que sentiu orgulho a contar aos colegas que Barranha tinha sido distinguida pela Fundação INATEL: “Pude chegar à escola e dizer que a minha aldeia ganhou um prémio.”

A estudante começa por contar que o que mais gosta na aldeia que chama sua, desde que nasceu, são as pessoas: “Somos bastante unidos. Sei que se precisar de alguma coisa, a porta ao lado está sempre aberta. Caso me falte arroz, o vizinho está lá para me ajudar.” É este espírito de união que a leva a afirmar que, no futuro, não quer ficar muito longe de Barranha. “Vou tentar ao máximo ficar por aqui.” Quer ser professora de Geografia. Sabe que os estudos universitários hão de passar por Coimbra ou Porto, mas quer voltar às suas origens, à aldeia que é casa. Enquanto estuda, frequenta, também, o Conservatório de Música e toca na Banda Musical 81 de Ferreirim. Anda de terra em terra a soprar o seu talento na flauta e a atrair novos e velhos para o gosto pela música.

Insistimos e perguntamos-lhe se não se sente fascinada pela ideia de um dia mais tarde vir a morar na cidade. Perentória, responde que ‘não’: “Prefiro ficar por aqui, é muito trânsito, muita poluição.” O

melhor que podia acontecer ao lugar que chama ‘terra’ é “vir mais gente, faltam-nos pessoas, principalmente crianças – somos poucas”, analisa a futura professora de Geografia. Em tom sedutor para que conheçam a sua aldeia, a Ana revela que, para além das gentes barranhenses, a localidade tem outros encantos saciantes. Fala no pão e nos bolos de azeite cozidos no forno comunitário. Lembra as festas onde se juntam para cantar, dançar e conviver, como a de Santo António. E aponta para a capela da aldeia dedicada a Santo António e a Santo Amaro.

Enquanto conversamos com Ana, ouvem-se quatro badaladas do sino e o instrumental do cântico *Ave, Ave Maria*, no Largo da Capela. Aguardamos que o sino pare de tocar para nos ouvirmos melhor. Observamos, no entanto, a expressão da jovem, que vai agitando ligeiramente a cabeça, com deleite, por escutar, mais uma vez, este som típico que faz parte da vida de tantos. É uma aldeia portuguesa, com certeza.

TERRA DE ‘RESPEITO’

Outros sons, peculiares, fazem parte da vida da aldeia. O mugido da vaca Malhada, que tem a considerável idade de 18 anos, faz-se notar e leva-nos a conhecer Conceição Bonito e Armindo dos Santos, com 70 e 72 anos, respetivamente. Para este casal, a Malhada representa uma ajuda valiosa na vida do campo: “Ela carrega estrume, batatas, faz tudo...” Houve tempos em que chegaram a ter dois bovinos, hoje só podem contar com a Malhada para a labuta. “Zás, trás”, diz Conceição para a

vaca Malhada recuar naquele momento. “Ela percebe tudo”, afiança.

A septuagenária “nascida e criada na Barranha” só conheceu Lisboa em julho deste ano, depois de ir à capital com a Fundação INATEL, ao abrigo do programa ‘Aldeia dos Sonhos’. Um sonho realizado, mas há mais desejos que gostaria de ver cumpridos: ver mais pessoas na sua localidade. “Barranha tem tudo de especial, porque é a minha terra. Venham, é uma terra boa, de respeito, podem vir à confiança.” A palavra tem valor. É genuína. Conceição Bonito sabe, também, que para qualquer português há beleza quando se fala na grande valia da gastronomia de uma terra. Destaca, à semelhança da Ana Teixeira, os bolos de azeite que se saboreiam, em especial, pela Páscoa, que são bem bons. Só lamenta já não ter força para os confeccionar: “Primeiro, fazia-os, agora já os compro ao padeiro porque os meus braços já não dão para amassá-los.”

A dona da Malhada gosta de conversar e é expedita a explicar outras histórias da aldeia que podem interessar a futuros visitantes: “O Santo Amaro é um santinho de pedra. Quando a gente parte um braço ou uma perna, promete ao santinho para melhorar e muita gente põe lá pernas e braços de madeira.” Devoções que se contam em palavras simples e perpassam de geração em geração.

DESEJO DE CRESCER

Todas as histórias e todas as gentes fazem parte do património de cada terra. São as pessoas, com as suas histórias, que

dão vida aos lugares. É o caso de Manuel Santos, 46 anos, pastor e trabalhador da construção civil. A sua maior obra profissional talvez seja a de cuidar de 40 animais. Em tempos, quando os pais ainda estavam vivos, chegou a ter “60 ou 70” ovelhas. Dificuldades há muitas. “Uma pessoa não tem sábados nem domingos. Não lhes podemos dizer ‘vão comer a um restaurante’. Um gajo tem de tratar delas.” E há estações do ano mais complicadas do que outras: “No inverno, tem de se ir para o mato para se fazer cama nova. E como eu trabalho todos os dias, não tenho condições para ter mais animais – mas até gostaria.”

Natural da Barranha, Manuel Santos não quer viver em mais nenhum lugar: “Gosto de estar cá, se não gostasse tinha emigrado. Sempre me dei bem nesta terra. As pessoas são todas meigas umas com as outras, não há conflitos, é uma terra boa para se viver.” Acalenta o sonho, diz, e não é assunto de lana-caprina, de ver a sua localidade crescer em número de habitantes: “Era uma coisa boa para a aldeia.” Enquanto não vê mais pessoas à sua beira, na aldeia, o que ele mais aprecia fazer, ao domingo, fora do ambiente de trabalho, é ir para a Associação de Amigos da Escola da Barranha (AAEB), conviver com os amigos e “jogar às malhas”.

VALORIZAR PESSOAS

Altino Pinto, 40 anos, é o presidente da AAEB e, também, jornalista e diretor do jornal *+Aguiar da Beira*. Foi ele que inscreveu Barranha no programa ‘Aldeia dos



Manuel Santos sente-se feliz por viver numa “terra boa”



Altino Pinto considera ter o melhor de dois mundos em Barranha: a tranquilidade da aldeia e a proximidade da cidade



Celeste Pinto afiança que os habitantes de Barranha recebem “da melhor maneira que puderem”



Ana Teixeira quer permanecer em Barranha, após os estudos



Conceição Bonito e Armindo dos Santos garantem que se pode visitar “à confiança” a sua terra

FOTOGRAFIAS: JOSHUA PRATAS

Sonhos’ para “tentar proporcionar aos habitantes da aldeia, que sempre tiveram maioritariamente uma vida de trabalho no campo, a oportunidade de fazerem uma viagem a um local diferente e vivenciarem novas experiências” para além da rotina diária [ver caixa].

O jornalista acredita que o prémio atribuído pela Fundação INATEL é “muito vantajoso para a aldeia e para as pessoas”. A possibilidade de mais gente visitar Barranha agrada aos habitantes de Barranha, “o que pode valorizar a terra”. Em novembro, por exemplo, há uma atividade que leva novos rostos à aldeia que seguem a rota dos míscaros, os ‘cogumelos selvagens’. O arroz de míscaros ganha protagonismo à mesa por aqueles dias. Muitas mais iguarias há para apreciar, como enchidos, presunto, queijo serra da Estrela, filhós cobertas com mel... E o rol poderia continuar. “Não há dinheiro que pague os produtos com esta qualidade, que são feitos na terra e nós temos muito gosto em poder consumi-los. E quem vem cá pode apreciá-los.”

Questionamos Altino Pinto sobre o que de melhor tem a sua terra, para além das iguarias caseiras, que sabem ao conforto dos nossos antepassados: “É o convívio entre as pessoas e a tranquilidade da aldeia. Aqui, tudo é genuíno, tudo tem autenticidade”, responde. Destaca, ainda, um recurso natural presente na localidade que desperta a curiosidade dos visitantes: “Temos a nascente do Rio Dão que dá nome à nossa região. Este rio nasce na nossa terra, e isto é algo que traz valor e é bom.”



António Pinto observa que, nesta terra, as “pessoas têm bom coração e são amigas de conviver”



SONHOS VIVIDOS

Os habitantes de Barranha visitaram Lisboa e Sintra entre 4 e 6 de julho. Cerca de 50 pessoas puderam concretizar o desejo de conhecer lugares emblemáticos, como a Quinta da Regaleira, o Mosteiro dos Jerónimos, o Cristo Rei, a Assembleia da República, o Oceanário e o Jardim Zoológico. Quiseram circular na capital em transportes públicos por acalentarem a vontade de conhecer, por exemplo, as estações de metro. Durante a viagem sonhada tiveram oportunidade de provar, ainda, os famigerados pastéis de Belém e travesseiros de Sintra.

No primeiro dia da visita assistiram, no Teatro da Trindade, à curta-metragem “Barranha – Aldeia dos Sonhos 2024 – Histórias de vida”, uma produção realizada pela Fundação INATEL com os habitantes daquela localidade.

Recorde-se que a iniciativa ‘Aldeia dos Sonhos’, que conta já com 10 edições, é dirigida a comunidades com 100 ou menos habitantes, privilegiando aldeias remotas ou socialmente isoladas. Objetivo: enriquecer culturalmente os seus participantes através de experiências diferentes, contribuindo para a coesão social e valorização do património cultural das aldeias portuguesas. S.J.

Quais as razões que levam Altino Pinto a permanecer num território de baixa densidade, depois de estudar e ter tido experiências profissionais dentro e fora do país? “Cresci cá, tenho orgulho nestas raízes. O que me faz manter aqui e constituir família é a qualidade de vida que usufruí quando era pequeno, que continua a existir. E não estamos assim tão distantes dos centros urbanos, quando precisamos de fazer compras ou ir a eventos culturais. Temos o melhor dos dois mundos: a tranquilidade da aldeia e a proximidade da cidade.” Viseu fica relativamente perto para quem tem automóvel.

ACOLHIMENTO FAMILIAR

Celeste Pinto, 62 anos, está a passear a neta, num carrinho de bebé, junto ao tanque comunitário. É a mãe de Altino, que emigrou para a Suíça, mas regressou poucos anos depois à sua terra. Hoje trabalha em casa, na agricultura e toma conta da pequena Francisca. Ver avós e netos, juntos numa aldeia envelhecida, é um quadro que vale a pena contemplar. Para Celeste, a sua localidade é “especial”, porque as pessoas que vêm da cidade podem ver de perto atividades ligadas “à pastorícia, agricultura, apicultura, vinha e ao olival; aqui, há um bocadinho de tudo”.

Quando Celeste e os restantes habitantes da aldeia recebem pessoas que vêm de fora, confeciona “o cabrito ou o borrego com batatinha assada”, com acompanhamento de grelos, “tudo o que a gente tem aqui”. A sexagenária sente energia para

acolher e tem vontade de viver vários eventos que tragam dinamismo à aldeia. “Recebemos as pessoas da melhor maneira que pudermos”, garante.

Entretanto, vamos ao encontro de mais habitantes da aldeia. António Pina, 65 anos, está com o fato de apicultor, um equipamento de proteção para trabalhar com as abelhas. Acompanhamo-lo, com farda semelhante, para ver as 400 colmeias. O fumo próximo daqueles insetos ajuda-as a ficar mais calmas. Devidamente protegidos, relata-nos, com várias abelhas a circundarem-nos, que a apicultura começou por ser “um sonho” e agora “é uma doença”. Um gosto que lhe adoça a vida. Só no ano passado foram produzidas quatro toneladas de mel, mas avisa que “quem manda nisto tudo é o clima”.

Uma colónia pode ter entre 50 e 60 mil abelhas. Embora “dependa da abelha-mestra; se ela tiver boa postura, pode ter esse número, se não tiver, pode ter menos”. De Barranha para o mundo, António fala, ainda, no própolis já em laboratórios alemães. E tudo começa ali, naquele espaço mais afastado da população e onde não paramos de ouvir os zumbidos das abelhas.

BONITO É CONVIVER

Este antigo emigrante, que viveu na Suíça oito anos, trabalhando na hotelaria, diz que é homem para se dar bem em “qualquer parte”. “A pessoa quando é boa dá-se bem em todo o lado, tanto faz ser de Barranha como de outra parte do concelho”. No entanto, assinala, que na Barranha “há gente de bom coração; somos amigos de conviver uns com os outros”.

Teresa Gomes, 54 anos, que nasceu na Barranha e mora ali “desde sempre”, ocupa os seus dias, quer na vida de casa, como doméstica, quer a tratar dos frangos, como avicultora, quer, ainda, no quintal, como agricultora, a cultivar milho, feijão verde, cebolas, cenouras, pimentos, curgete, batata doce, alho francês e beterraba. Os seus animais também são beneficiados pela colheita, “os porcos comem abóbora e beterraba”.

Todos os dias são preenchidos com trabalho, dentro e fora de casa. Ao domingo, na associação da terra, na antiga escola, faz, por exemplo, trabalhos manuais, como cestas e coroas para adornar a aldeia. A terra ganha nova cor e beleza em épocas festivas. É também por isso que quer ver mais gente em Barranha, onde todos “são como uma família”. Ver, estar e conviver com mais pessoas “é bonito, para não estarmos tão isolados”, conclui.

SÍLVIA JÚLIO



Teresa Gomes tem vontade de ver novos rostos que deem mais vida à aldeia

PASSEIO MICOLÓGICO NA ALDEIA DOS SONHOS:
BARRANHA
22 a 24 de novembro
Partidas: Viana do Castelo | Braga |
Porto | Aveiro

Mais informações: Tel. 210027000 |
turismo@inatel.pt | www.inatel.pt

AGENDA ATIVIDADES PELO PAÍS

DE NORTE A SUL E DA MADEIRA AOS AÇORES



COIMBRA

• Jazz ao Luar

Datas: 12, 19 e 26 de setembro | 18h30

Local: Penedo da Saudade

Os concertos de jazz nas noites quentes de verão, ao ar livre, em locais de rara beleza paisagística, promovem o convívio e a presença do público para lá do momento cultural.

• Ciclo de Outono de Órgão de Tubos

Datas: 4 a 25 de outubro

O ciclo de Órgão de Tubos tem como pano de fundo um dos instrumentos mais impressionantes e raros do seu género. Por contexto histórico e cuidado na sua preservação, o distrito de Coimbra possui uma das mais ricas "coleções" deste instrumento.

Programa:

- 4 de outubro: Seminário Maior – António Esteireiro
- 11 de outubro: Santa Cruz – Laura Silva Mendes
- 18 de outubro: Covões (Cantanhede) – Paulo Bernardino e Paulo Soares (Guitarra Portuguesa)
- 25 de outubro: Semide – Javier Artigas Pina



COVILHÃ

• 18.º FESTIVAL DA CHEROVIA

Data: 18 a 21 de setembro | 18h00 – 24h00

Local: Centro histórico da cidade

Organização: CCD Associação Recreativa Musical Covilhanense (Banda da Covilhã), CCD Associação Cultural DESERTUNA, em parceria com o município da Covilhã.

Um festival gastronómico que mostra o produto local (cherovia), com música popular portuguesa. O palco INATEL anima os dias do festival.

LEIRIA

• Projeto Polifonias

Datas: 13 setembro | 14 outubro

Locais: Mosteiro da Batalha e Mosteiro de Alcobaça



Organização:

Delegação INATEL Leiria em parceria com os municípios e Mosteiros da Batalha e de Alcobaça.

Programa:

- Mosteiro da Batalha, 13 de setembro 15h00 às 15h20 – Igreja – Grupo Coral Anima Choralis de Maceira
- 15h30 às 15h50 – Claustro Real – Sociedade Filarmónica Avelarense
- 16h00 às 16h20 – Capelas Imperfeitas - Sociedade Filarmónica Avelarense
- 16h30 às 16h50 – Igreja – Grupo Coral Anima Choralis de Maceira
- 16h00 às 16h20 – Capelas Imperfeitas – Sociedade Filarmónica Avelarense
- 21h30 – Exterior – Fado no Mosteiro – Hélder Moutinho canta João Monge
- Mosteiro de Alcobaça, 14 de setembro 15h00 às 15h20 – Refeitório – Sociedade Filarmónica Turquelense
- 15h30 às 15h50 – Sala do Capítulo – Coral da Sociedade Filarmónica Turquelense
- 16h30 às 16h50 – Refeitório – Sociedade Filarmónica Turquelense
- 17h00 às 17h20 – Sala do Capítulo – Coral da Sociedade Filarmónica Turquelense
- 16h00 às 16h20 – Dormitório – “Grupo Hey T” da Sociedade Filarmónica Turquelense



PONTA DELGADA

• 2 Corações – A Viola que Nos Une

Data: 25 de outubro | 21h00

Local: Auditório Ferreira da Silva – Água de Pau

Organização: Delegação INATEL Ponta Delgada em parceria com a câmara municipal de Lagoa.

A 2.ª edição deste espetáculo musical conta com uma Banda Filarmónica, um quarteto de voz e cordas, um duo

de cordas (viola da terra e violão) e uma harpista, esta última, num ensemble improvável com a viola da terra. O espetáculo que tem a viola da terra, elemento identitário da cultura tradicional açoriana, evoca o Dia Mundial da Música (1 de outubro) e o Dia da Viola da Terra (2 de outubro).

SANTARÉM

• In.Tradição – A Cultura e a Identidade no Coração de Santarém

Data: 20 de setembro | 10h30/13h30

Local: Centro histórico da cidade

Nas manhãs de sábado, grupos folclóricos e etnográficos filiados na Fundação circulam pelo centro histórico, interagem com a comunidade e trazem uma mostra de usos e costumes, música, dança, gastronomia e recriação de atividades tradicionais.

Programa:

- 20 de setembro – Albandeio – Grupo Etnográfico de Danças e Cantares de Alpiarça

• Ação Memória – exibição do filme “Mãe”, de João Braz

Data: 19 de setembro – Dia mundial da pessoa com doença de Alzheimer

Horário: 10h30 – Filme “Mãe” (90 min, M/14) | 12h/13h – Painel de Debate: “A Excelência dos Cuidados vista de diferentes lugares”

Local: Cine Teatro de Almeirim (entrada livre)

Organização:

Delegação INATEL Santarém em parceria com a Associação Alzheimer Portugal – Núcleo do Ribatejo

O filme “Mãe”, de João Braz, sobre a temática da demência, é centrado em dois irmãos que cuidam da mãe, doente de Alzheimer, “uma realidade vivida por muitas famílias”. Este filme explora “o papel do cuidador informal ao mesmo tempo que lida com as diversas situações do seu dia a dia.” Um drama sobre o amor, a demência e o envelhecimento escrito pelo madeirense João Brás, que se inspira na história da própria avó. Com Teresa Faria no papel da matriarca, o elenco conta também com Diogo Tavares, Gabriel Pacheco, Christelle Caboz, Ana Barros, Hélder Agrela, Mariça Silva, Ana Marta Kaufmann e Francisco Lobo Faria. Com assinatura musical de MAX, João Borsch e Live Brisk.

• Ópera para Todos: “Dido e Eneias”

Data: 20 de setembro | 21h30

Local: Auditório do CNEMA (entrada livre)



Organização: Delegação INATEL Santarém em parceria com a câmara municipal de Santarém.

Apresentação da Ópera “Dido e Eneias”, de Henry Purcell, numa versão minimalista para Coro, Solistas, Corpo de Bailado, Ensemble de Cordas e Cravo, garante uma experiência única para os amantes de ópera e para quem a descobre pela primeira vez.

Uma produção da Associação Cultural Cantar Nosso, encenação e direção artística do maestro Miguel Galhofo, corpo de bailado Corpo da Dança, com coreografia de Leonor Mendes, esta obra-prima universal, além das vozes do Coro Participativo Cantar Nosso, da Golegã, conta com a soprano Maria João Sousa, no papel de Dido, o tenor Carlos Monteiro no papel de Eneias, e vários solistas do Coro, acompanhados por um ensemble instrumental.

Nahum Tate escreveu o libreto para a ópera “Dido e Eneias”, baseado no canto IV da obra *Eneida*, de Virgílio (escrita entre 30 e 19 a.C.). Nos versos de Virgílio, depois de Eneias ter deixado Troia, na passagem por Cartago, conta-se a paixão entre Dido, rainha de Cartago e o herói troiano, Eneias. Os amantes acabariam afastados por um pedido que Jarbas, rei da Mauritânia, fez a Júpiter.

A versão de Tate, musicada por Henry Purcell (1659-1695), substituiu o rei Jarbas pela presença de uma feiticeira e súbditas que concebem um plano para destruir a relação de amor entre as personagens principais.



UISEU

• CordAs SoltAs

Data: 7 de setembro

Local: Termas de São Pedro do Sul

Organização: Delegação INATEL Viseu com o apoio da câmara municipal de São Pedro do Sul e da Termalístur.

Vários grupos do distrito promovem a cultura musical popular da região junto dos turistas, hóspedes, aquistas e comunidade local.

Programa:

Dia 7 (domingo) | Balneário Romano, às 17h00

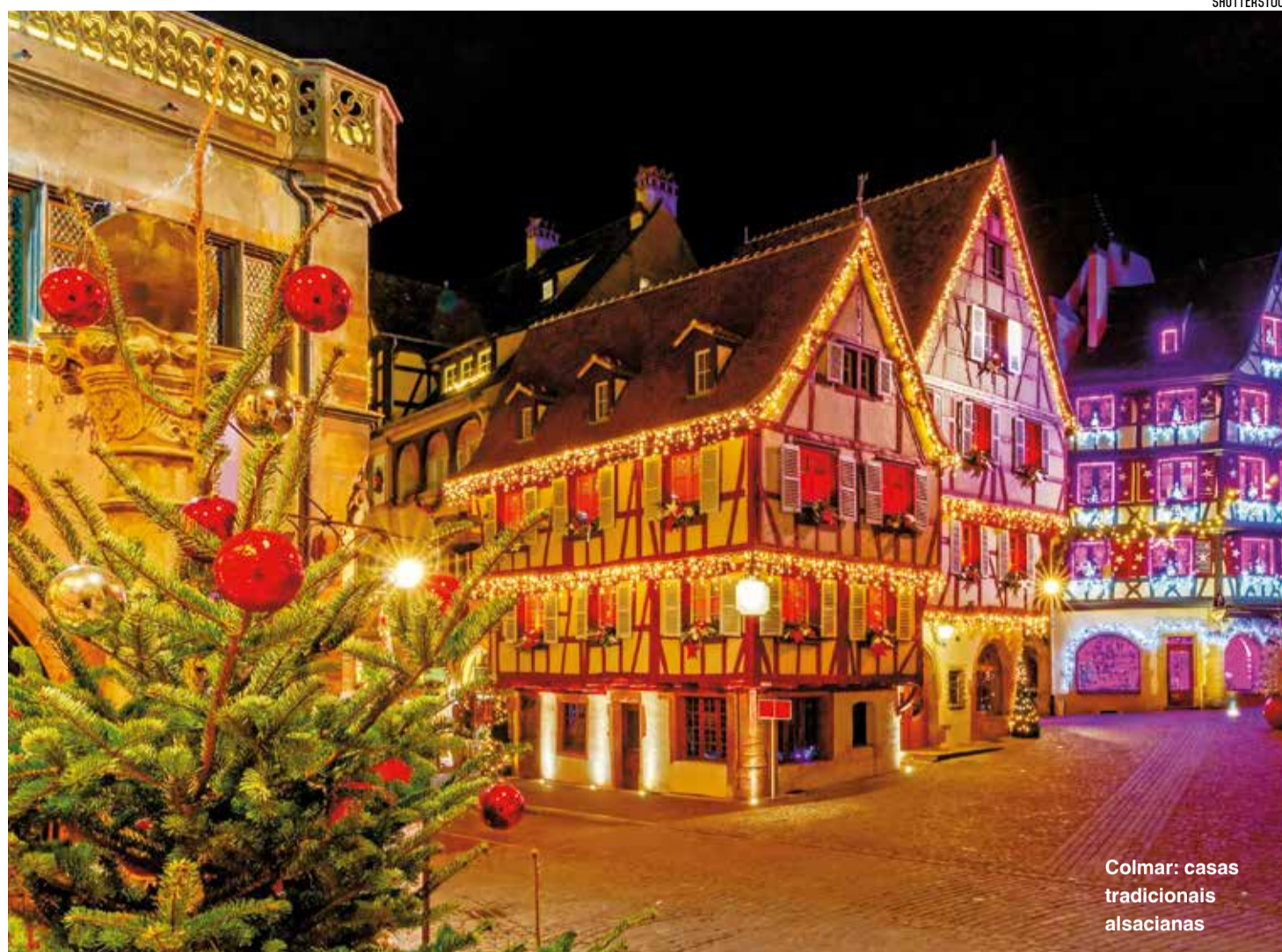
• Grupo Tertúlia Coimbrã de Miratejo, em representação da Casa da Académica em Lafões

Praça Balneário Rainha D. Amélia, às 21h00

• Grupo de Cavaquinhos do CSCRD de São Martinho

Nota: Entrada livre no Balneário Romano sujeito à lotação do espaço.

VIAGEM MERCADOS DE NATAL NA ALSÁCIA



SHUTTERSTOCK

Colmar: casas tradicionais alsacianas

A MÁGICA LUZ NATALÍCIA

As praças de Colmar, Estrasburgo, Mulhouse, Ribeauvillé iluminam-se ao cair da tarde. As estrelas descem à terra. E a magia acontece

Nas semanas que antecedem o Natal, a região da Alsácia é um mundo de lendas, rituais, cores, sabores, aromas, que encantam todos aqueles que gostam de viver com deleite e intensidade o espírito natalício. Miríades de iluminações cintilantes decoram as fachadas das casas, monumentos, lojas, praças e mercados. Tudo brilha nas noites festivas.

Maria João Prata, assistente da viagem realizada em 2024, recorda que “foi tão maravilhosa que tem vontade de repetir”. E para quem como ela vibra com a época do Natal, diz, “é uma viagem em que se volta a ser criança”. Acompanhou um grupo que partiu de Lisboa. Começaram por visitar Estrasburgo, capital da Alsácia, próximo da fronteira com a Alemanha. A primeira cidade francesa a ser reconhecida e classificada pela Unesco como Património Mundial da Humanidade em 1988, também conhecida por ter sido disputada pela Alemanha e França.

Entraram na catedral gótica, datada dos séculos XI a XV, construída com arenito vermelho dos Vosges. E foram ao típico mercado de Natal, “Christkindelsmärik”, no centro histórico da cidade. Cruzaram a fronteira em direção a Friburgo, capital do relógio de cuco, para passear no centro histórico da cidade e conhecer os mercados de Natal alemães.



DR



Estrasburgo

C. FLEITH



Colmar

MEYER

No dia seguinte, visitaram Colmar, conhecida como a “pequena Veneza”. Esta antiga cidade de ruas estreitas e pequenas casas de madeira, ao longo do rio Lauch, foi libertada da ocupação alemã, depois da Segunda Guerra Mundial. O centro histórico está repleto de árvores de Natal, luzes, estrelas, bolas, bonecos, enfeites... O mercado de Natal de Colmar é considerado um dos melhores da Europa. Quem gosta de muitas luzes e ornamentos, artesanato e produtos regionais sente-se nas nuvens.

Ao entardecer os sentidos ficam mais aguçados, em particular, os que nos levam a provar biscoitos de gengibre, ou o tradicional bretzel alsaciano, um tipo de pão seco e estaladiço, salgado ou doce, que pode ser acompanhado de vinho ou chocolate quente. Maria João Prata, recorda “o prazer de comer um bretzel, com vinho quente”, para aquecer o corpo e animar o espírito, ao som de músicas de Natal que encham a alma das ruas.

Seguiram para Mulhouse, para ver as casas medievais e passear pelo mercado de Natal da cidade. Visitaram, ainda, Kaysersberg, localidade conhecida pelas vinhas que se situam a 800 metros acima do nível do mar e ostenta um rico património arquitetónico.

Após uma visita aos mercados de Natal foram conhecer Ribeauvillé, bela vila medieval da Alsácia, com o centro histórico repleto de árvores de Natal, adornadas com brasões e faixas. Passearam pela praça dos Sinos, praça Gouraud, e visitaram a capela de Santa Catarina. Uma localidade que parece “saída de um conto de fadas”.

A cidade de Vigo, na Galiza, começou a preparar as iluminações de Natal em agosto. E quem aprecia a atmosfera mágica da quadra natalícia, começa a programar com gosto, e antecedência, diversos objetos para presentear. É agradável lembrar que “o Natal é um excelente tempo para a alegria de pensar naqueles que amamos” (Molière). TERESA JOEL

MERCADOS DE NATAL NA ALSÁCIA
27 NOV a 1 DEZ
Partida: Porto
26 NOV a 30 NOV
Partida: Lisboa

Mais informações: Tel. 210027000 |
turismo@inatel.pt | www.inatel.pt

ENTREVISTA HÉLDER PACHECO

“O ESTEIO FUNDAMENTAL DE UMA DEMOCRACIA SAUDÁVEL É A CLASSE MÉDIA”

Tem 88 anos, é professor, historiador, cronista e autor de mais de 60 livros sobre o Porto, a cidade que conhece como as suas mãos

Lançou recentemente o livro *Porto – Do tempo na cidade*, mas já está a trabalhar em mais dois projetos: o *Entrudo no Porto* e as *Festas de S. Bartolomeu*.

Não quer meter-se por caminhos políticos, mas lembra que teve um pai republicano e um avô monárquico. Sempre defendeu a sua cidade e por isso promete entregar uma folha com reivindicações para a cidade do Porto, logo depois das eleições. Uma delas é o fim da VCI.

A sua sala, onde fizemos a entrevista, está decorada de objetos de memórias. Mas é no futuro que Helder Pacheco está focado e prova disso é a música que ouve de Quincy Jones: “Everthing Must Change.”

O que ainda lhe falta dizer sobre o Porto?

Este livro *Porto – Do tempo na cidade*, acabado de lançar, é uma espécie de comemoração de 40 anos – 40 anos ao serviço do Porto. Porque o meu primeiro livro foi publicado há 40 anos, em 1984, e o meu editor atual resolveu comemorar os 40 anos da sua edição. Inesperadamente teve um grande sucesso e marcou uma época, só que a cidade de há 40 anos não é a cidade atual. E é muito interessante porque dedica um capítulo por ano e uma fotografia para cada um desses anos. É muito interessante porque ao longo dos 40 capítulos vemos as mudanças do tempo nas cidades, as mudanças nas pessoas e as mudanças dentro de mim também, porque no fundo é uma espécie de antologia da cidade e de mim.

Há uma canção americana que define isso e diz que tudo tem de mudar, e felizmente tudo tem de mudar, tudo muda, senão a vida não tinha piada nenhuma se não houvesse mudança. E como o país está a mudar e a cidade também, há sempre coisas para fazer e dizer. Além do mais, ainda hoje descobro sítios onde ainda não tinha ido.

Qual música é que está a referir?
Chama-se “Everthing Must Change” de Quincy Jones.

Gosta da mudança?

Gosto da mudança quando ela significa avanço para uma maior qualidade de

vida e avanço para melhor. Quando a mudança é retrocesso, não gosto.

Mas há muitos retrocessos, até a nível mundial.

Sim, mas temos de resolver o nosso problema. Por exemplo a Câmara atual e também a Câmara anterior, começou a tentar resolver um desses problemas, quando requalificou requalificou uma das maiores ilhas do Porto, o bairro da Boavista, que é um projeto magnífico. Aliás, o SAAL de arquitetura (O projeto SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local) era isso, era transformar as habitações em mau estado em habitações de qualidade e manter as populações no sítio delas. Mas nós somos interpelados sobre que cidade queremos.

Já escreveu várias vezes sobre as melhorias do Porto e do país.

Em muitos aspetos o Porto mudou para melhor e eu espero que a próxima Câmara pense nisso. Há três ou quatro projetos que podem ainda projetar mais o Porto. Um deles é liquidar a VCI (Via Cintura Interna). Existe um projeto para a VCI que foi apresentado pela Universidade do Porto que resolve o cancro número um da cidade. Depois há que pôr em prática um projeto de construção de habitação para a cidade, não para pobres propriamente ditos, mas para a classe média, que saiu das cidades. E o esteio fundamental de uma democracia saudável é a classe média.

Os projetos para a cidade vão ao encontro do que espera para o Porto?

Eu espero que sim. Estou à espera de ver quem é o próximo presidente da Câmara e vou apresentar a minha folha de reivindicações.

O Professor tem grandes referências políticas na sua família, o seu avô era monárquico, o seu pai era republicano – mas nunca seguiu o caminho político.

O meu pai era um fervoroso republicano. Era eu miúdo e o meu avô levava-me pela mão aos comícios da oposição. O meu avô era monárquico e o meu pai era republicano, por isso os dois zangaram-se. A política acho eu, é a arte do compromisso e da negociação, é a arte sobretudo de negociar e fazer acordos através da negociação e, portanto, as confrontações violentas não

têm muito sentido nas democracias.

O meu avô sendo um fanático monárquico – estive na Monarquia do Norte, um movimento revolucionário que partiu do Porto, porque uma cidade liberal tem republicanos e monárquicos e a primeira tentativa de revolução republicana saiu daqui, e é por isso que tenho muito orgulho em ser portuense.

São os homens do Norte que se distinguem dos homens do Sul?

Não é bem os homens do Norte ou os homens do Sul, é a questão do Porto. De facto, o Porto pode ser uma cidade burguesa, de gente de trabalho e que não aceitava nobres – repare-se que o Porto não tem Palácios, só tem um Palácio e é contruído por uma família burguesa. É importante o facto de a aristocracia nunca ter tido até D. Manuel, autorização para viver na cidade – lembro que um nobre só podia viver na cidade do Porto durante três dias, depois disso era expulso. Aliás, houve um que tentou ficar cá e queimaram-lhe a casa. Portanto, o Porto é uma cidade burguesa.

É a burguesia que faz a revolução liberal, aliás o Sinédrio, que é o

grupo clandestino que prepara a revolução. A burguesia que é hoje a classe média, mas era sobretudo a classe média alta, que era culta.

Como é que, num país que tinha 90% de analfabetos, faz a constituição de 1822 que é das mais completas e mais perfeitas constituições da Europa? E isso só é possível porque existiu uma elite intelectual, burguesa, onde está o Garrett e o Herculano, o Passos Manuel, etc. Houve uma elite intelectual que fez a revolução.

Acompanha a atualidade?

Não acompanho muito porque me cansei de ver telejornais. Prefiro ler os jornais em papel. Sou convidado para fazer conferências para ir falar aos jovens às escolas secundárias, é por isso que ainda acredito no sistema educativo. Tenho falado com os jovens e vejo coisas fantásticas que ninguém conhece.

Mas regressemos ao Porto – o que é que ainda falta ao Porto e ao país?

O que nos falta em muitos aspetos é a consciência do que fazemos. Por exemplo guardo notícias dos jornais – recortes – por exemplo o Parque da Cidade do Porto voltou a ser distinguido com o Prémio inglês ‘Green Flag Award’ e voltou a ser entregue ao Porto por espaços como o Parque da Cidade, O Jardim Botânico, os Jardins do Palácio de Cristal do Passeio Alegre. Os critérios para a atribuição do galardão britânico (e os ingleses não brincam com os jardins, com os parques, porque tem os melhores que há no mundo), são indicadores de qualidade, de limpeza de manutenção, gestão e conservação da biodiversidade, envolvimento da comunidade, paisagem, elementos culturais incluindo o investimento em melhoria permanente dos espaços. Isto devia ser um orgulho e ninguém fala no assunto... o jornal ainda falou agora o grande público nem se apercebe disto, mas há mais.

As *Startups* no Porto valem mais de 6,4 mil milhões de euros, é uma honra para nós.

O Porto puxa pelo país?

O Porto puxa por ele. Uma cidade liberal puxa em primeiro lugar por ela e depois puxa o resto.

“A POLÍTICA É A ARTE DO COMPROMISSO E DA NEGOCIAÇÃO, É A ARTE SOBRETUDO DE NEGOCIAR E FAZER ACORDOS ATRAVÉS DA NEGOCIAÇÃO E, PORTANTO, AS CONFRONTAÇÕES VIOLENTAS NÃO TÊM MUITO SENTIDO NAS DEMOCRACIAS”

VANDO CAMPOS



Mas o país tem mais orgulho hoje. Mas ainda há quem não tenha percebido isso. Ouço com frequência pessoas que estão descrentes do país. É que continua a haver uma visão muito fadista do país e precisamos de ter uma visão mais, não digo otimista, mas pelo menos mais rigorosa.

O professor continua bastante ativo nas Universidades?

Faço parte da Comissão de Ética do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP) e o volume da investigação é considerável. O ISPUP está entre os organismos internacionais com mais prestígio. Portanto somos capazes de fazer coisas e estamos a fazer coisas, o grande problema é que talvez nos falte, somos demasiado fadistas e futeboleiros a mais. E estou à vontade porque sou portista desde que nasci, mas precisávamos de ter uma outra visão daquilo que o país é capaz de fazer...

Mas o que define esta cidade?

É uma cidade inevitavelmente liberal o que quer dizer que cada um pensa por si e à sua maneira e de maneira de diferente. As contas à moda do Porto são 'cada um paga o seu', o que significa vive e deixa viver, o que é um slogan bonito.

Vamos falar do seu novo projeto.

Acabou de lançar um livro mas já está a trabalhar no seguinte.

Sim. Porque resolvi, para fazer frente às dificuldades existenciais, que tinha que trabalhar como um burro ou rebrantar e designei três projetos de livros: o primeiro está concluído e será lançado pelo Natal – *Porto: Crónica dos Dias*, que é a compilação de três anos de crónicas semanais do *Jornal de Notícias* e que são uma espécie de mostruário da evolução e dos problemas da cidade.

Depois vou ver se escrevo sobre a festa do Entrudo no Porto. Tinha como objetivo publicar os grandes acontecimentos festivos da vida da cidade e das pessoas. Já publiquei o livro sobre o Natal, que é para os portuenses uma época fundamental.

O Entrudo está agónico, mas foi um grande período festivo na cidade.

Finalmente, pensei num terceiro livro, sobre as festas nos bairros e nas ruas.

Há outro livro que também está para sair que se chama *21 Personalidades Ilustres do Século XXI escolhem vinte e um Portuenses Ilustres do Milénio*, em que participo. A minha escolha foi Júlio Dinis, que eu admiro muito.

Porquê Júlio Dinis?

Escolhi Júlio Dinis por uma razão, é um escritor injustamente tratado é visto como um escritor romântico, cor-de-rosa que escreve para as famílias, para ser lido aos serões pelas famílias, pelos avós aos netos, quando ele é um crítico violentíssimo de todas as perversões do regime liberal. Na *Morgadinha dos Canaviais* faz-se a mais dura crítica ao regime liberal: contra a corrupção, a batota eleitoral, a viciação das eleições, mas é posto de maneira leve e elegante, não é à bruta...

Mas o Camilo também fala da corrupção. Na Queda de um Anjo por exemplo descreve-se o deslumbre pelo poder...

O parolo que vai para Lisboa e se faz político, isso continua atual. O poder corrompe quanto mais não seja dá uma sensação efémera de força e de poder e muitos dos provincianos que vão para Lisboa estragam-se, porque o poder sobe-lhes à cabeça. Mas é o único livro em que ele toma posição frontal contra a política.

Mais vale assumir que somos provincianos e nascemos fora dos luxos da cidade, é isso?

Infelizmente muitos dos exemplos que temos são o contrário disso. Mas sim, o homem austero e rigoroso que vem de fora para o Terreiro do Paço.

Eu distingo o Terreiro do Paço do povo de Lisboa. Não tem nada a ver uma coisa com outra, em relação ao povo de Lisboa, eu respeito. Até tenho uma frase que diz "até pode ser benfiquista que eu respeito".

O Terreiro do Paço é outra coisa. É o poder. E o poder tem sido desde a revolução liberal, com exceção do Governo de Passos Manuel tivemos uma revolução liberal que falhou, caiu por si. A 1.ª República foi uma grande esperança eu lembro-me da esperança

"AS CONTAS À MODA DO PORTO SÃO 'CADA UM PAGA O SEU', O QUE SIGNIFICA VIVE E DEIXA VIVER, O QUE É UM SLOGAN BONITO"

que o meu pai tinha na República. Durou 17 anos.

Falhou?

Falhou estrondosamente e a seguir tivemos uma ditadura que durou 50 anos. E antes disso, é bom lembrar, tivemos três séculos de Inquisição.

Hoje as pessoas são muito injustas relativamente ao país e é isso que eu critico porque defendem que o país devia ir mais longe e devia ir mais depressa, mas esquecem-se que tivemos três séculos de Inquisição.

Em 1640, *Os Lusíadas* são proibidos pela Inquisição por ser considerado um livro perigoso. Três séculos de Inquisição dão cabo do ADN do país. Tivemos três séculos de Inquisição, um regime liberal falhado, uma Primeira República falhada, 50 anos de ditadura.

Muito longe fomos nós para limpar isto tudo. É por isso que acredito no país.

Professor pedia-lhe agora respostas rápidas. Pedro Abrunhosa ou Rui Veloso?

São completamente diferentes. Eu aprecio os dois porque sendo os dois portuenses não tenho francamente preferência, quantos mais melhor.

Camilo ou Eça?

Camilo.

Azul ou encarnado?

Azul.

Pessoas ou lugares?

Para mim os lugares são feitos pelas pessoas, de qualquer maneira escolho as pessoas.

Tradição ou modernidade?

Fazer a ponte. Eu acho que o grande desafio do nosso tempo, num país como

Portugal que é um país velho, velho no sentido de antigo, que tem por trás uma grande tradição, o grande desafio é conciliar, é fazer a ponte entre a tradição e a modernidade.

A tradição não é incompatível com a modernidade. Como disse nos anos 70 houve um professor de Cambridge, Eric Hobsbawm, no livro – *The Invention of Tradition (A Invenção das Tradições)*, em que demonstra que a maioria das tradições inglesas, respeitáveis, são do século XIX nem sequer tem por trás delas séculos. São relativamente recentes.

A 'francesinha' é uma tradição que tem 50 anos e é uma das grandes conquistas do Porto.

Pois, ia chegar aí na próxima pergunta. Francesinhas ou Tripas?

Eu vou confessar uma coisa, numa cidade liberal cada um come do que gosta, come e bebe do que gosta. Eu não bebo vinho por exemplo.

Nem vinho do Porto?

Vinho do Porto eu bebo. E tenho sempre bom vinho do Porto, quer dizer de 20 anos para cima. Vinho do Porto abaixo de 10 anos chamamos 'mata-ratos' mas fui feito membro honorário – tenho aí a medalha – da Confraria das Tripas à moda do Porto, sabendo eles que eu não como tripas.

E o São João? Com martelinho ou alho porro?

Eu fui educado com alho porro, não digo que o martelinho seja uma perversão do São João, é uma evolução se calhar, porque como tem som acham mais piada ao martelinho por causa da sonoridade. Mas lembro que, em primeiro lugar, o alho porro era uma tradição muito antiga contra o mau-olhado, porque no fim da festa, todas as casas, os tascos, as mercearias guardavam o alho porro para dar sorte durante o resto do ano.

Lembro que a aproximação a uma rapariga era feita com o alho porro, com muito cuidado, muita delicadeza, portanto havia um ritual e o martelo não tem ritual nenhum. O alho porro era um instrumento sentimental de comunicação, o martelo é um instrumento de fazer barulho e quase de agressão, se for com muita força.

Uma figura que personifique a cidade do Porto.

Do ponto de vista intelectual escolheria, já disse, Júlio Dinis. Do ponto de vista cívico escolhia o Ricardo Jorge.

Ainda sobre as festas do Porto?

Para além do São João – um clássico das festas do Porto – que festas se destacam?

Em agosto há aqui uma festa, que é a festa de São Bartolomeu, que eu admiro muito porque entre 400 a 500 pessoas entre novos e velhos vão ao mar, vestidos de papel.

A Festa de São Bartolomeu é um desfile de 400 pessoas que culmina com um banho no mar, e com as roupas de papel a desfazerem-se no mar. Há notícias desta festa desde o séc. XVIII, mas vem de mais detrás porque é um culto pagão da água.

A 24 de agosto, diz a tradição, que o diabo anda à solta e para exorcizar os efeitos do diabo, há que tomar banho no mar e dar sete mergulhos, que é um número cabalístico. As pessoas vão vestidas de papel para o mar. E isso é admirável. Nos tempos que correm é mais fácil ficar em casa a ver televisão, sentados no sofá. Somos uma sociedade de 'sentados no sofá' e a ver passar a vida. LÍDIA MAGNO

REPORTAGEM REGIÃO DEMARCADA DO DOURO

“VALE ENCANTADO” COM HISTÓRIAS

O Museu do Douro, situado na cidade de Peso da Régua, distrito de Vila Real, abre os horizontes para se interpretar o território que é História e Património da Humanidade. Eis uma panorâmica do que pode ser visto e sentido ao olhar para a paisagem do Alto Douro Vinhateiro, fruto do trabalho esforçado de homens e mulheres numa linha de tempo com passado, presente e futuro

Os olhos deixam-se inebriar pela paisagem que pode ser avistada do Museu do Douro. A tranquilidade do rio, os vinhedos em socalcos. Quadro vivo. Convite à contemplação da obra feita com arte.

À entrada do edifício sede do museu, que foi um dos mais emblemáticos da Região Demarcada do Douro (RDD) do século XVIII, a Casa da Companhia, encontra-se um barco rabelo com 17 metros de comprimento, em madeira de pinho e carvalho. Ainda no exterior do museu, um tributo a Armanda Passos, natural da Régua. Alunos da Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde estudou e lecionou a artista plástica, transpuseram uma das suas pinturas, dedicadas à figura feminina, para fora da tela, dando-lhe três dimensões. Os animais à volta da escultura têm carapaça como uma tartaruga e um bico e patas que fazem lembrar aves. Espécies híbridas como nas criações de Armanda Passos que vão para lá do óbvio.

Lá dentro, grupos ordenados visitam o museu com audioguias para acompanharem o que os olhos curiosos vão descobrindo, aqui e ali, e que ajudam a interpretar o território (também existe áudio descrição para cegos e amblíopes em diferentes idiomas). Há, ainda, a possibilidade de se conhecer o espaço em língua gestual portuguesa e internacional. O número de visitantes tem vindo a aumentar – este ano está a crescer na ordem dos 23% face a 2024. O turismo norte-americano, particularmente, que viaja nos navios-hotel do Douro, tem contribuído para engrossar a cifra. No ano passado, 147 mil pessoas visitaram o museu, dentro e fora de portas.

“O Museu do Douro não é apenas este espaço físico – tem 14 exposições itinerantes dentro da RDD. Há 60 espaços museológicos nesta região: privados, municipais, associações culturais... Conhecemos a programação uns dos outros, para que não haja sobreposição nos espaços”, elucida o diretor do Museu do Douro, Fernando Seara, 64 anos, arquiteto de formação, que diz que a peça com mais estética e icónica daquele lugar é a paisagem criada pelas pessoas do Douro.

VALOR DAS PESSOAS DA REGIÃO

“Quem visita o museu, quer seja à chegada ou à saída da RDD, fica com uma noção do trabalho que deu e continua a dar a construção e a preservação desta região. E valoriza o que o homem fez para que um dia esta região fosse considerada Património Mundial da Humanidade pela Unesco”, afirma o responsável do museu, enfatizando que “não se trata de beleza natural, não cresceu por espontânea vontade. Foi porque trabalharam uma região que, à partida, era difícil – ainda hoje é difícil trabalhar nela. São as pessoas da região que mais valorizo”, sublinha.

Douro – acredita-se que vem da palavra latina “Durius”, cujo significado é duro, forte. As gentes daquele lugar interiorizaram a dureza, sem desculpas, e acrescentaram valor à paisagem e à região. A beleza está diante dos olhos. Arrebata. É monumental. Puro deleite.

Espaços como este museu ajudam a estimular e a estimular o território. Apesar de parecer estar na moda, muitos dos seus habitantes ainda não vestiram o fato ajustado do desenvolvimento: “Equipamentos como o Museu do Douro têm como princípio não só receber bem quem nos visita, mas também contribuir para que os residentes vivam melhor.”

“Embora estejamos perto de cidades como o Porto, Vila Real ou Viseu, ainda há muitas carências. O Douro, que está nas bocas do mundo para as pessoas o visitarem, ainda é um dos sítios de Portugal onde o rendimento disponível por família é muito baixo – muita gente não tem a noção disso. Se, de alguma forma, pudermos contribuir para que as pessoas vivam um pouco melhor, cumprimos grande parte do nosso papel”, acrescenta Fernando Seara.

PATRIMÓNIO DENTRO DA GARRAFA

Bárbara Amaro, 38 anos, guia do museu há 16, tem a incumbência de apresentar o espaço e as peças que ajudam a contar histórias daquele lugar. Inicia o percurso explicando por que razão o Douro é “especial”: “A região tem características particulares, uma viticultura de montanha. Esta paisagem, Património Mundial, uma grande honra e orgulho, é também um entrave à modernização da produção. Obriga a que uma grande parte das tarefas seja ainda muito penosa, feita de forma manual. Mesmo onde é possível fazer alguma mecanização há algumas dificuldades. Por isso, os custos de produção associados ao cuidado com a manutenção da paisagem são essenciais para o território e pequenos produtores, coração do Douro, os jardineiros desta paisagem. Precisamos também de olhar por eles.”

A guia considera uma “missão segurar a bandeira em defesa da marca Douro”. Perguntamos-lhe o que gostaria que cada visitante levasse dali, como uma mensagem dentro de uma garrafa. Bárbara Amaro responde: “O vinho do Porto e os vinhos do Alto Douro, aquilo que se leva na garrafa, mais do que o líquido consumível, é uma história, um património, um povo, gente duriense que faz esta região, que lutou muito, de forma resiliente, para construir aquilo que hoje vemos e merece ser defendido.”

Para se interpretar e fruir da paisagem que se encontra lá fora, passo a passo, socalco a socalco, percorremos o interior do museu. Há objetos mais rudimentares, utensílios usados na vinha, cartografia, fotografias, imagens digitais, vídeos que

SONS DO DOURO NA CIDADE DAS TRADIÇÕES

Os Sons do Douro vão animar a IV edição da Cidade das Tradições, nos dias 26 e 27 de setembro, no Parque de Jogos 1.º de Maio. “Iremos a Lisboa, à Cidade das Tradições, é muito importante para nós. É uma oportunidade muito grande levarmos o território mais longe ainda. Vai muita gente escutar e sentir o Douro. Vamos cumprir a nossa missão”, diz a diretora artística dos Sons do Douro, Liliana Abreu.

Hélder Mota, produtor musical, garante que o grupo vai levar “alegria, sorrisos e percussão” naqueles dias para a capital. “Espero que o público se divirta tanto como nós em cima do palco.” E acentua, com boa disposição, que a “Cidade das Tradições vai levar com uma tradição de mais de 10 anos em pipas”.

A voz do grupo, Inês Cruz, confessa estar “ansiosa e satisfeita” por vir mostrar a região do Douro através de sons que falam de tradição e modernidade. De histórias com identidade, o que perdura para lá do tempo presente.

Após a atuação em Lisboa, segue-se, dia 28 de setembro, a apresentação do segundo documentário dos Sons do Douro, no Teatro Ribeiro Conceição, em Lamego, que conta, através da música, a história das relações comerciais entre a região do Douro e a de Bristol (Reino Unido). Este documentário intitulado “767 milhas até Bristol” é o resultado de uma viagem realizada pelos Sons do Douro àquela cidade inglesa, em 2019, em contexto de intercâmbio cultural.

Em 2017, foi realizado “897 Km de Douro”, documentário reconhecido nacional e internacionalmente. Relata a viagem dos Sons do Douro da foz do rio aos Picos de Urbión, Espanha. Durante o percurso, misturaram-se sons e tradições das comunidades ribeirinhas. S.J.

permitem perceber melhor o que tem para oferecer o Douro.

PEÇAS QUE SURPREENDEM

Há vários lugares onde pousa o nosso olhar. Pontos que fazem ligações com as tais histórias do território e a História do país. Deparamo-nos com peças inesperadas. É o

caso de um anel de ouro, com relevo no aro interior, no núcleo romano da exposição, que mostra, também, fragmentos cerâmicos das peças de uso quotidiano e moedas. Voltamos ao anel. Uma peça “misteriosa, única”, que se relaciona com a romanização: “A ocupação romana é um marco na História de Portugal, [o anel] é um testemunho da importância que a vinha adquiriu nessa altura e muito do que é a identidade do Douro mediterrânico. Os historiadores diziam que os romanos, ao chegarem ao Douro, sentiram-se em casa, pela paisagem, flora e pelo clima”, detalha.

Ao longo da exposição permanente é notória a colaboração com instituições que se movimentam no território: o IVDP (Instituto dos Vinhos do Douro e Porto) e a UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro). Há culturas de videira *in vitro*. Em frascos de vidro estão castas nativas: “É um trabalho feito pela UTAD no seu laboratório de genética. Existe um grande número de castas, umas mais populares e usadas do que outras. Antes que se extingam está a criar-se este reservatório de biodiversidade de castas existentes na nossa região”, conta Bárbara Amaro.

ACERVO DIVERSIFICADO

Outro objeto desperta a atenção. Uma nova vida para um móvel, que pertencia originalmente a uma tipografia, onde se guardavam os tipos de caracteres de metal, em pequenas gavetas. Esta peça de topografia doada ao Museu do Douro é agora um mostruário de alguns rótulos (também estes foram legados) que permitem conhecer o rosto dos vinhos ao longo do século XX, em diferentes abordagens apresentadas aos consumidores.

Encontra-se um núcleo sobre a vida do rio e o seu curso sinuoso. Referências para alguns tipos de embarcações que se usavam no Douro, com destaque para os rabelos. Vídeos da RTP mostram as últimas viagens dos barcos rabelo antes da construção das barragens, na década de 1960: “É extraordinário ter este testemunho do Douro natural antes da construção das barragens. Quando chegamos ali fora, vemos este rio calmo e tranquilo e nem sempre foi assim”, nota.

Em exposição permanente estão 84 obras doadas por Armanda Passos, sobretudo serigrafias. Cores, formas e dimensões que suscitam emoções. O circuito da visita inclui, também, a passagem pelos corredores de conservação e restauro do museu. “Prendemos mostrar aos nossos visitantes o cuidado, o zelo e as boas práticas de conservação. É rico e diversificado o acervo que nos é confiado”, destaca.

SONS DO DOURO

Num recanto está um mostruário com os prémios atribuídos ao museu e a um dos seus projetos culturais: os Sons do Douro.

A E ARTE

FOTOGRAFIAS: LUCÍLIA MONTEIRO



Fernando Seara, diretor do Museu do Douro, considera que um dos papéis deste equipamento-âncora da região é o de contribuir para que os residentes vivam melhor

Bárbara Amaro, guia há 16 anos no museu, diz ser “uma missão segurar a bandeira em defesa da marca Douro”. E sublinha a riqueza e diversificação do acervo confiado a este museu de território



Luís Carvalho, 49 anos, membro da direção do museu, desde o início ligado aos Sons do Douro, aponta para as diferentes distinções recebidas pelo grupo, que leva a região vitivinícola para cima do palco. Os Sons do Douro são um projeto peculiar sem músicos profissionais, constituído por 12 pessoas (três são mulheres; originalmente, era apenas composto por homens), com diferentes idades, dos 20 aos 58 anos, formações e profissões, como estudantes, funcionários públicos, *designers* multimédia ou peixeiros.

O grupo surgiu no âmbito de um projeto da Fundação Museu do Douro, em 2010, intitulado “Entre Margens”, de arte pública, em ruas e praças. Depois disso, o projeto prosseguiu com novas formas: “Os Sons do Douro transformam pipas de vinho em instrumentos de percussão. A elas juntam-se outros instrumentos não convencionais daquilo que é a lavoura duriense. A mensagem que queremos transmitir a quem vai aos nossos concertos é que não vai assistir a um concerto musical, mas a uma narrativa de histórias que são contadas por aquilo que representa os Sons do Douro”, esclarece Luís Carvalho.

Para aprofundarmos o conceito dos Sons do Douro vamos ao encontro de Liliana Abreu, 40 anos, atual diretora artística, que pegou neste projeto há cerca de 18 meses. Encontramo-la no Teatrinho da Régua, um lugar cujo teto faz lembrar o casco de um barco, onde os Sons do Douro ensaiam, em média, quatro vezes por mês. Liliana Abreu está a afinar uma das pipas de percussão, de 225 litros, com um tampo de pele de cabra (a pipa maior, de 550 litros, é de pele de vaca): “Os Sons do Douro tiram o território do museu, enquanto instituição, e levam-no para outros lugares em formato de concerto, a nível simbólico e abstrato. Reconhecemos este território, apropriamo-nos dele e transformamo-lo, usando-o como linguagem artística. Há sempre uma vontade de composição coletiva e corporativa. Os Sons do Douro trazem o Douro no seu som”, realça.

VIAGEM PELO TERRITÓRIO

É feita uma viagem pelo território duriense, pela génese simbólica e mitológica, pela força dos homens e das mulheres, pelas relações, festas, tradições, pelos usos e costumes. No fim do concerto, olha-se para o futuro, procuram-se novos caminhos com músicas originais do grupo: “Na perspetiva dos Sons do Douro procuram-se respostas. Não queremos que o Douro seja isolamento, aprisionamento, fechado, esquecido, sem identidade. Queremos que o Douro tenha identidade, que se abra e aprenda com todos os que vêm”, vinca Liliana Abreu.

O reportório cantado, narrado e entoado vem de diferentes origens. Uns temas são originais, outros vêm do Cancioneiro e fo-



Luís Carvalho, da direção do Museu do Douro, realça que não se fica indiferente “à magnitude da paisagem” e afirma, com alguma vaidade, que este “vale encantado é único”

Liliana Abreu, diretora artística do projeto musical Sons do Douro, explica que o grupo tira o território do museu e leva-o para outros lugares em formato de concerto



Alguns elementos do projeto Sons do Douro fotografados no Cais da Régua. As pipas de vinho e outros instrumentos da lavoura duriense ajudam, através da percussão, a contar histórias com identidade

ram cantados pelos avós. Um processo “dinâmico e complementar”, onde todos dão contributos que acrescentam valor ao trabalho dos Sons do Douro. Em palco estão pessoas que vão trabalhando as alfaias musicais, pipas, cestos das vindimas, sacholas, um crivo forrado com pele antiga de bombo... “Somam-se instrumentos inventados por nós que venham ao encontro das necessidades musicais e criativas do grupo”, diz a diretora artística.

Os Sons do Douro são hoje “um espaço de obrigatoriedade, mas também uma escolha”. Parece um paradoxo. Mas se se olhar, em pormenor, para o território, vê-se com mais clareza a resiliência necessária para ali permanecer: “Ficar nem sempre é opção, mas, agora, para quem está aqui este é o seu lugar.” Podemos, então, questionar Liliana Abreu: o que são os Sons do Douro para o Douro ou vice-versa? “Poder existir um projeto como este para as pessoas que estão no território, que vivem e habitam nele, que sentem todas as dificuldades e fragilidades de uma interioridade, este é, também, um espaço de expansão de criatividade e respiração para as pessoas. E, quem sabe, encontrar novas formas de sair ou reaprender a ressignificar o ficar”, retorquiu.

“AMOR AO DOURO”

Hélder Mota, 35 anos, produtor musical deste projeto, está há 11 com os Sons do Douro. É guia turístico no castelo de Lamego, mas também já apanhou fruta e vendeu bebidas. Múltiplas funções que fazem parte de um extenso currículo deste elemento dos Sons do Douro, com vontade de permanecer “por amor” ao território. O Hélder toca numa cesta de castanho e trata da parte logística do grupo. Envergando a *t-shirt* preta, lenço vermelho e uma boina, tal como os seus companheiros, este homem do Douro explica o motivo de tocar apenas em cestas já bem usadas: “As cestas de castanho novas ainda estão demasiado frescas e o som não vai soar bem. A secura da cesta vai soar como um reco-reco com as duas baquetas e, também, como elemento de percussão.”

De terra em terra buscam outras ideias e parelhas, ganhando uns e outros com acrescentos aqui e acolá: “Só existe este conceito, porque não somos profissionais. Temos de ir para fora de portas com um projeto, com pessoas da região, que se juntam por algo maior, que é o amor ao Douro, com muito suor, muito calo rebentado em muitos quilómetros. Não é só ir tocar a sítios; a nossa ideia é trabalhar com grupos locais.”

Inês Cruz, 20 anos, estuda *Design* na Universidade do Porto, é a voz do grupo. Sempre andou nas vindimas com a família. Cresceu com música tradicional, principalmente a que a avó escutava na rádio. Ficaram as memórias sonoras e o gosto pela tradição dos antepassados. Integrar os Sons do Douro está, também, a ajudá-la a perder a timidez. “Sou a voz e é uma responsabilidade acrescida. Quando estou a tocar na pipa fico menos nervosa do que ir cantar para a frente. Mas, ao longo deste ano, perdi um bocado o nervosismo.”

Fazer parte deste grupo tem sido “importante” para a Inês, em diferentes dimensões: “É um projeto único e podemos levar esta cultura do Douro a todo o país e até para fora dele. É um privilégio fazer parte de uma zona tão bonita e histórica e poder passar isto aos outros.” É levar às pessoas o que Luís Carvalho, do Museu do Douro, disse sobre o que significa para ele esta região: “É um vale encantado; não ficamos indiferentes a esta magnitude da paisagem. Dizemos com alguma vaidade que o Douro é único.” **SÍLVIA JÚLIO**

CIDADE DAS TRADIÇÕES

PELO AMOR DA MÚSICA

Sob a sonoridade do conhecido verso de Paul Verlaine “a música antes de tudo”, vamos ao encontro de Sara Yasmine, António Serginho, Helena Lima, António Oliveira, Isabel Ventura, interlocutores da diversidade de artistas com paixões comuns, que sobem ao palco da Cidade das Tradições, em Lisboa, entre 26 e 28 de setembro



SAMUEL BUTON



PEDRO FERREIRA

SOPA DE PEDRA E RETIMBRAR: “CRIAR A REDE TUGABEAT”

Sara Yasmine pertence ao grupo Sopa de Pedra. Trata-se de um coletivo de pesquisa musical composto por mulheres que “desde jovens, criam arranjos originais a capella de canções de trabalho, protesto e ruralidade”, formado por Rita Costa, Maria Vasquez, Benedita Vasquez, Inês Melo, Rita Sá, Mariana Gil, Teresa Campos, e Sara Yasmine (também vocalista do coletivo Retimbrar, ao lado de António Serginho), que nos fala do tema *Ao Tambor* (2023), projeto que uniu Sopa de Pedra e Retimbrar.

“Tratou-se de um desafio que os Retimbrar lançaram aos Sopa de Pedra para gravar em conjunto uma música, que já existia há alguns anos no repertório dos Retimbrar”, elucida. Os dois grupos juntaram-se, tocaram ao vivo, o vídeo foi gravado pela Porta 253, na Oficina César, em Ermesinde, que se dedica à construção de brinquedos e instrumentos tradicionais. Vamos ouvir este tema ao vivo, em Lisboa? Certamente.

António Serginho, explica que o concerto na Cidade das Tradições, “terá momentos que são só os Retimbrar a tocar e outros em que são os Sopa de Pedra”, mas na grande parte terá os dois grupos juntos em palco. “Entre os dois coletivos há muita proximidade – revela – a começar pela Sara, que é o elemento em comum, mas há vários elementos dos Retimbrar que são amigos de outros de Sopa de Pedra há muitos anos. São dois grupos que foram crescendo quase como irmãos. Informalmente já conhecemos as músicas uns dos outros, quase nem é preciso ensaiar. Vamos ter várias músicas do nosso disco *Levantar do Chão*, em que Sopa de Pedra vai participar, e outras tantas que nós já co-

nhecemos e partilhamos. É uma conjugação muito natural. De certa forma, os dois grupos reforçam-se muito uns aos outros. Por um lado, os Retimbrar que tem um instrumental muito forte, e as vozes da Sara Yasmine e Beatriz Rola, mais os coros masculinos, de repente, ganha um ar extra com mais sete vozes femininas. Por outro lado, as músicas de Sopa de Pedra que são centradas nas vozes, de repente ganham seis percussionistas a tocar com elas, mais as vozes masculinas e ganham muita força”, enfatiza.

Sara Yasmine, por seu turno, acrescenta: “E também há um lado interventivo de ambos os coletivos, a mensagem que tencionamos entregar é muito interventiva, no sentido em que estamos em sintonia com aquilo que nos inquieta, os sonhos que temos, o mundo que gostaríamos de construir.”

António Serginho esclarece que *TugaBeat* (batida portuguesa), surgiu quando começaram a tocar no estrangeiro. “Foi uma maneira de designar o nosso próprio estilo. Depois usámos na Internet e reparámos que outros artistas e bandas começaram a usar a mesma expressão ‘#TugaBeat’ que proliferou informalmente, mas nasceu no seio dos Retimbrar. E significa esta nova vaga de gente que está a fazer música inspirada nas tradições, com muito respeito pela cultura e pelos instrumentos, mas também com a vontade de fazer música como nos apetece.”

Qual é o vosso olhar no futuro? A resposta vem de Sara Yasmine: “Sabemos que estamos rodeados de muita resistência, no sentido em que liberdades que tínhamos conquistado estão a ser postas em causa. Nesse aspeto, olhamos o futuro com muitos desafios pela frente. Mas, no espaço

que nos é dado, para que a nossa música seja um amplificador de uma mensagem positiva, e de construir comunidade, gostaríamos de ver fortalecido este canal que poderá aproximar artistas, ou vários tipos de linguagem ligados à música portuguesa. Criar a rede *TugaBeat* e levar essa música ao vivo para mais perto das pessoas. Despertar entre todos, artistas e público, a sensação de que podemos ser comunidade. É uma visão para o futuro que nos traz esperança. Esperança de inspirar outras pessoas.”

ORQUESTRA GERAÇÃO: “DAR PALCO ÀS CULTURAS DOS PALOP”

Helena Lima, presidente da Associação das Orquestras Sinfónicas Juvenis Sistema Portugal, e adjunta da direção da Escola



PEDRO JAFUNO



Artística de Música do Conservatório Nacional, salienta que o projeto da Orquestra Geração, “desde 2007/8 tem sido uma experiência muito relevante”, apostando na música para a transformação social. A Associação aponta para um futuro com múltiplos caminhos. E a arte pode ajudar a construir esses caminhos.

Em Portugal existe um sistema de ensino especializado que abrange uma dimensão considerável a nível nacional. Helena Lima considera que houve “um desenvolvimento muito grande”, nos últimos trinta anos. Sublinha: “A nível internacional, temos muitos músicos em posições de topo nas várias orquestras a seguirem carreiras musicais. Do ponto de vista da música, como ferramenta social, há uma rede de sistemas europeus inspirados no El Sistema [modelo didático musical]. No sistema português, especificamente, a Orquestra Geração, tem sido referência para muitos destes programas.”

Atualmente estão a usufruir desta intervenção cerca de 1800 jovens e crianças, nos concelhos da área metropolitana de Lisboa, Coimbra, Castanheira de Pera. E, neste ano, há também um projeto em Évora. Na região Norte houve experiências com a Orquestra Geração que depois se autonomizaram. Têm uma lista considerável de prémios, mas o que os move, diariamente, diz, “é a presença nos núcleos nas escolas, sentir a resposta dos jovens é um trabalho enriquecedor.”

O que vamos ouvir na Cidade das Tradições? Trata-se de um projeto que envolve os PALOP. O grupo GeraJazz existe desde 2010/11 e ao longo de três anos foi desenvolvido um projeto com outras entidades parceiras, em São Tomé e Príncipe e na Guiné-Bissau – projeto Rizoma –, com a base do jazz, incluindo toda a tradição cultural local santomense e guineense.

Em novembro de 2024 celebraram em concerto os cruzamentos musicais entre estes países e a tradição portuguesa. Tiveram ciclos em palcos da Guiné, Cabo Verde, São Tomé, Moçambique. Helena Lima revela: “Vamos trazer de novo um bocadinho deste concerto à Cidade das Tradições, vamos dar palco às culturas dos PALOP através da intervenção da Orquestra Geração.”

ORQUESTRA DE ESMORIZ: “HOMENAGEM À ARTE DA TANOARIA”

António Oliveira, presidente da Orquestra de Bandolins de Esmoriz há mais de

CONCERTOS

SÁBADO, 27 DE SETEMBRO

- Jazz em Mirandês com Isabel Ventura, 19h
- Orquestra de Bandolins de Esmoriz, 21h
- Retimbrar e Sopa de Pedra, 22h

DOMINGO, 28 DE SETEMBRO

- Orquestra Geração, 19h

seis anos, salienta que para assumir este cargo “é preciso ter muita dedicação, gostar de conviver e liderar”.

O seu lema é “unir para ter um objetivo comum”. No âmbito da música “todos somos diferentes, todos pensamos diferente, mas, cada um de nós, com particularidades muito próprias, trabalhamos para um desígnio comum, um resultado final que esperamos seja do agrado de outras pessoas”, salienta.

Trazer a orquestra à Cidade das Tradições, tem um grande significado, diz, “é importante mostrar aquilo que são as nossas raízes”. Em Esmoriz, a tanoaria “sempre associada ao vinho do Porto” e à construção das barricas para o transporte desse “líquido fabuloso”, é uma simbiose entre a tradição dos pipos e a construção dos instrumentos. “Esta tradição está a perder-se”, lamenta, “já não se constroem pipos como há 40 ou 50 anos”. A ligação destas duas tradições “foi o maior desafio”, fazendo uma “homenagem à arte da tanoaria” que se vai perdendo no país.

A ideia do bandopipo (um cordofone com corpo de pipo) consolidou-se há cerca de três anos, resultante da “fusão das artes de Esmoriz, a tanoaria e a música da orquestra”. Explica: “Um instrumento que unisse estas duas tradições, de início, parecia muito estranho”. Mas, em 2024 o bandopipo teve a sua estreia, com composições originais, num percurso do ciclo do vinho, “da tanoaria ao brinde”.

Trata-se de uma orquestra intergeracional, que inclui três gerações dos 22 aos 85 anos, entre os instrumentistas, amadores e profissionais. António Oliveira é também instrumentista, juntamente com as duas

filhas, de 32 e 23 anos respetivamente, tocam na orquestra, sob a direção musical do maestro, compositor e instrumentista Luís Sá, desde 2008.

JAZZ EM MIRANDÊS: “NUN ME LHEMBRA DE SQUECER”

Isabel Ventura, transmontana, nascida em Vimioso, Bragança, passou a infância em casa dos avós, numa aldeia em que ainda se fala mirandês. Mais tarde, teve a ideia de unir a língua mirandesa ao jazz. Graças à família de Amadeu Ferreira, “grande defensor da língua e cultura mirandesas”, teve acesso a livros que não estavam nos circuitos comerciais. Considera que a poesia de Amadeu Ferreira, sob o pseudónimo de Francisco Niebro, “é introspetiva, filosófica, aborda assuntos densos da vida, e também fala da terra onde nasceu, com alegria”.

O mirandês é a segunda língua oficial de Portugal desde 1999. Isabel Ventura fez cursos online promovidos pela Associação da Língua e Cultura Mirandesa, à qual pertence. Nestes cursos podem inscrever-se crianças ou adultos sem limite de idade.

Segundo um estudo da Universidade de Vigo existem cerca de 3500 falantes de mirandês. “A desertificação da região de Trás-os-Montes dá origem a que a cultura e a língua se vá perdendo”, lamenta, “e sem apoio governamental pouco se faz”.

Este ano foi aprovada a criação de “uma estrutura de missão para a promoção e valorização da Língua Mirandesa, reconhecendo o papel essencial desta medida para o desenvolvimento económico, social e cultural das Terras de Miranda”, (lê-se no comunicado do Conselho de Ministros divulgado em 11/03/2025).

A Rádio Renascença, em colaboração com a Associação da Língua e Cultura Mirandesa, tem a rubrica “Lhéngua de Fuora”, que ensina a falar “uma palavra de cada vez” (pode ler-se em www.rr.pt). O primeiro programa foi dedicado à palavra “meligrana” (romã), que em mirandês significa mil grãos.

Isabel Ventura apresentou o último trabalho em vinil, “Nun Me Lhembra de Squecer” (“Não me lembro de esquecer”), em Miranda do Douro, Macedo de Cavaleiros, e na Reitoria da Universidade do Porto. É a vez desta embaixadora do mirandês subir ao palco da Cidade das Tradições, em Lisboa. Traz o jazz e a sonoridade de uma língua antiga. TERESA JOEL

BREVE CONVERSA COM LUÍS PEDRO MARTINS, PRESIDENTE DO TURISMO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL

Na liderança desde 2019, reeleito para um segundo mandato de cinco anos, em 2024, considera que os grandes desafios para reforçar a notoriedade da região norte do país são “a coesão territorial e a distribuição dos fluxos turísticos por toda a Região do Porto e Norte, permitindo que as dinâmicas turísticas, bem como o retorno económico e social seja cada vez maior e mais equilibrado”.

A Cidade das Tradições convida a região do Porto e Norte de Portugal. Trata-se de uma iniciativa dedicada às artes e práticas culturais tradicionais. Que significado tem para o Turismo do Porto e Norte de Portugal?

É um motivo de grande satisfação sermos a região convidada e uma oportunidade para mostrarmos e promovermos a imensa riqueza cultural da Região do Porto e Norte. **Durante três dias, o Parque de Jogos 1.º de Maio, em Lisboa, vai acolher uma amostra do amplo universo da região norte. A programação inclui concertos de palco, exposições e demonstrações de artesanato, oficinas de música, dança, artes e ofícios, folclore, brinquedos e jogos tradicionais, teatro de robertos, gastronomia tradicional e cinema documental. Quais as expectativas relativamente ao impacto que este evento pode ter em todos os intervenientes?**

O impacto será naturalmente enorme para todos os agentes que vão participar nesta iniciativa. Um evento como a Cidade das Tradições, é uma oportunidade para que os artistas, grupos e associações da nossa Região, possam apresentar aquilo que de melhor temos para oferecer em termos culturais no Porto e Norte do país. **«Eu gosto do Porto. [...] Na história portuguesa, os mais altos momentos, não do nosso génio, mas da nossa plenitude atingida, foram aqui. Uma saudável consciência gregária, uma solidez de processos de conduta e relação, deram a este aglomerado humano foros de única grande cidade castiçamente nossa. Deram-lhe aquilo a que eu chamo o classicismo social português.» (Miguel Torga, Portugal). Que comentário lhe suscita a leitura deste excerto?**

Miguel Torga, um dos grandes ícones da nossa literatura, descreve bem aquilo que é ser do Porto. Ser do Porto é ser único, distintivo e sem dúvida uma cidade que contribui decisivamente para a construção e identidade de Portugal. T. J.



MÁRIO LISBOA



PAULO ARAÚJO



CIDADE DAS TRADIÇÕES MARCAS COM HISTÓRIA

ACH. BRITO: MEMÓRIA E INOVAÇÃO COM CHEIRO A LAVANDA

São mais de cem anos de uma presença marcante e icônica da Ach. Brito na indústria nacional dos perfumes e dos sabonetes. A empresa assinala o seu apoio à iniciativa Cidade das Tradições com o lançamento de um novo rótulo de um sabonete.

Nasceu em 1918 com uma empresa familiar fundada por Achilles de Brito com o irmão Affonso de Brito, e em 2022, decorridos cento e quatro anos, regressou ao controlo total da família quando Aquiles de Brito, bisneto do fundador, se tornou o único acionista da empresa. Este podia ser o resumo do percurso empresarial de uma das marcas nacionais mais emblemáticas do mercado da perfumaria e que faz face à concorrência, incluindo a de grandes multinacionais do setor, mantendo a produção de acordo com os métodos tradicionais, desenvolvendo fórmulas próprias a partir de matérias primas naturais e criando um design inovador e personalizado dos seus produtos.

A imagem dos seus produtos é importante. Os rótulos eram originalmente pintados à mão, o que lhes conferia um carácter ainda mais artístico. E desde 1953 que a empresa apostou numa autonomia da sua produção gráfica, criando a sua própria litografia. Alguns dos seus produtos como os sabonetes Patti ou as Águas de Colónia Lavanda perduram na nossa memória visual.

A Ach. Brito trabalha em dois segmentos de público muito diferentes: por um lado tem uma posição relevante no chamado *mass market*, com produtos que se



Um sabonete com a marca Ach. Brito evoca a Cidade das Tradições

destinam a um público muito diferenciado e que são vendidos em grande escala, por outro lado também está presente em mercados de nicho com a marca Claus Porto, onde se distingue a Coleção Musgo Real, com uma linha de produtos dirigidos ao mercado internacional. Os seus sabonetes feitos com processos tradicionais e manuais já atraíram personalidades como a apresentadora Oprah Winfrey, a modelo Kate Moss e o ator Nicolas Cage.

Atualmente a sua estratégia empresarial passa pelo reposicionamento das suas marcas, pelo investimento de recursos humanos nas áreas criativa, comercial e da internacionalização, pela aposta num reforço do mercado nacional e internacional e pela diferenciação das marcas Ach. Brito e Claus Porto.

Numa entrevista de dezembro de 2024 à revista *Exame*, Aquiles de Brito, CEO da Ach. Brito, assumia a forma sustentável como projetava o crescimento da empresa. À internacionalização, com especiais expectativas no mercado asiático (Coreia, Japão e Taiwan), cabe um papel importante nesse desiderato.

Para a Cidade das Tradições, a Ach. Brito oferece sabonetes com rótulo personalizado a partir da imagem gráfica deste acontecimento.



A imagem dos produtos Ach. Brito é importante. Desde 1953 que criou a sua própria litografia apostando numa autonomia da sua produção gráfica

AVIANENSE: DESDE 1914 NO MARAVILHOSO REINO DO CHOCOLATE

Levanta-se do tempo em que o chocolate se comprava avulso e era alimento, mais do que guloseima. Luciano Costa começou no mercado do chocolate por acaso mas hoje, vinte anos depois de ter comprado a Avianense, diz que a empresa "não tem preço".

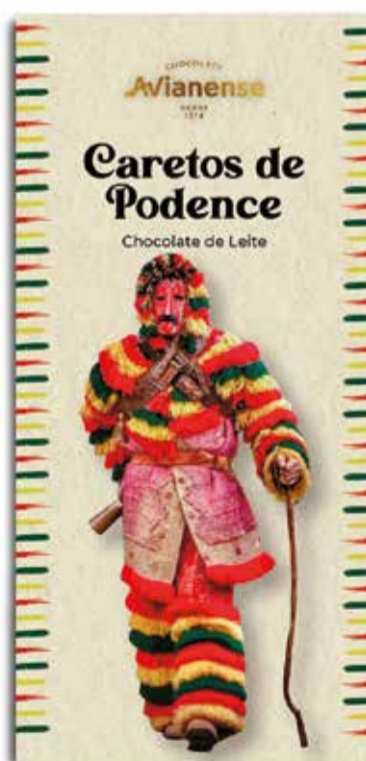
Aquelas pequenas caixas de madeira com pequenos furos de onde saíam bolinhas coloridas que abriam caminho a brindes de chocolates de todos os tamanhos e feitiços preenchem o imaginário de todas as crianças. Foi essa a herança que o empresário Luciano Maciel da Costa, na altura dedicado à área do imobiliário, agarrou em 2005 quando compra a Avianense e a traz para a sua terra natal, Durrães, no concelho de Barcelos, dando um novo impulso à sua atividade.

Para preservar a memória desta fábrica de chocolates criada por António Lima e João Felgueiras em 1914 na cidade de Viana do Castelo, Luciano Costa criou em 2016 o Museu da Avianense, situado nas instalações fabris de Durrães. Aí os visitantes podem conhecer todo o processo laboral da fábrica, e assistir a um filme sobre a história da Avianense que inclui depoimentos de antigos obreiros desta indústria, e que se constitui como uma viagem cronológica que nos descreve, não só a evolução da empresa, também a da própria indústria em Portugal.



"Havia um chocolate que era muito de tradição nas tascas e que se vendia ao pau de chocolate"

Atualmente a Avianense, que em 2008 começa a produzir aquele que viria a tornar-se num dos destaques da marca, o famoso Bombom Avianense, feito com chocolate negro, tem uma grande variedade de pro-



A Avianense participa na Cidade das Tradições com o chocolate Caretos de Podence

ductos como tabletes, bombons, sombrinhas, violas, e sardinhas de chocolate. Nas tabletes há várias coleções, como, por exemplo, a dos Caretos de Podence, cuja oferta faz parte da parceria com a Fundação INATEL.

Na breve conversa com Luciano Costa, ele explicou-nos que quando tomou conta da empresa em 2005, dedicou um tempo a olhar para dentro dela, a restaurar e manter máquinas, e depois começou a fazer novos produtos e a dar-lhe uma nova dinâmica que passou também por construir uma nova fábrica. Teve várias autarquias interessadas, que lhe ofereciam terreno inclusive, mas acabou por às suas custas, escolher a terra onde nasceu. Luciano Costa tem algumas memórias curiosas sobre a importância do chocolate nos seus tempos de menino:

"Havia um chocolate que era muito de tradição nas tascas e que se vendia ao pau de chocolate. Isso chegou-se a vender em Lisboa. Aqui nas aldeias, quem não tinha chocolate em casa vinha à mercearia comprar. E se os lavradores o tinham em casa, os pobres e aqueles que queriam comer um pauzinho de chocolate vinham comprá-lo avulso. Metiam-se no meio do pão dois ou três paus de chocolate e aquilo sabia que era uma maravilha."

Para além, do circuito de distribuição nacional, a Avianense também aposta na internacionalização. Estados Unidos, Holanda, Alemanha, França, Suíça, são algumas das suas metas. Diz Luciano Costa:

"Nós, com o bombom Imperador nos hotéis, temos o mercado já espalhado pelo mundo." JOAQUIM PAULO NOGUEIRA

TEATRO DA TRINDADE INATEL

ALICE: IMAGINAR É PRECISO

O musical “Alice no País das Maravilhas” vai abrir a próxima temporada teatral do Trindade. Marco Medeiros, o encenador e a protagonista, Soraia Tavares não escondem o entusiasmo

A adaptação para teatro musical da obra mais conhecida de Lewis Carroll, que tem cativado públicos de todas as idades e atraído criadores de diferentes áreas, como, entre muitos outros, o músico Tom Waits, o pintor Salvador Dali e o cineasta Tim Burton, chega, a partir de 4 de setembro, à sala Carmen Dolores do Trindade.

O mais curioso é que esta obra, cujo imaginário há mais de 150 anos se tem tornado tão importante como símbolo da imaginação, da loucura e da fantasia, nasceu de uma simples história improvisada contada, durante um passeio de barco no rio Tamisa, por Lewis Carroll (pseudónimo de Charles Lutwidge Dogson) a três irmãs, uma delas chamada Alice. A história, inicialmente um pequeno conto, sofreu depois alterações até à sua versão definitiva em 1865.

O espetáculo encenado por Marco Medeiros, e que nas suas palavras pretende ser “frenético e alucinante”, inclui, para além de Soraia Tavares no papel de Alice, atores-cantores com reconhecido percurso no teatro musical em Portugal como FF, Ruben Madureira, Sissi Martins, Diogo Mesquita, Rita Tristão da Silva e Romeu Vala. Com uma forte componente plástica, tem cenografia de Ângela Rocha, figurinos de Rafaela Mapril e utiliza técnicas de *videomapping*, apresentando música ao vivo sob a direção de Artur Guimarães.

Marco Medeiros formado, tal como Soraia Tavares, na Escola Profissional de Teatro de Cascais, começa por realçar a intemporalidade da obra:

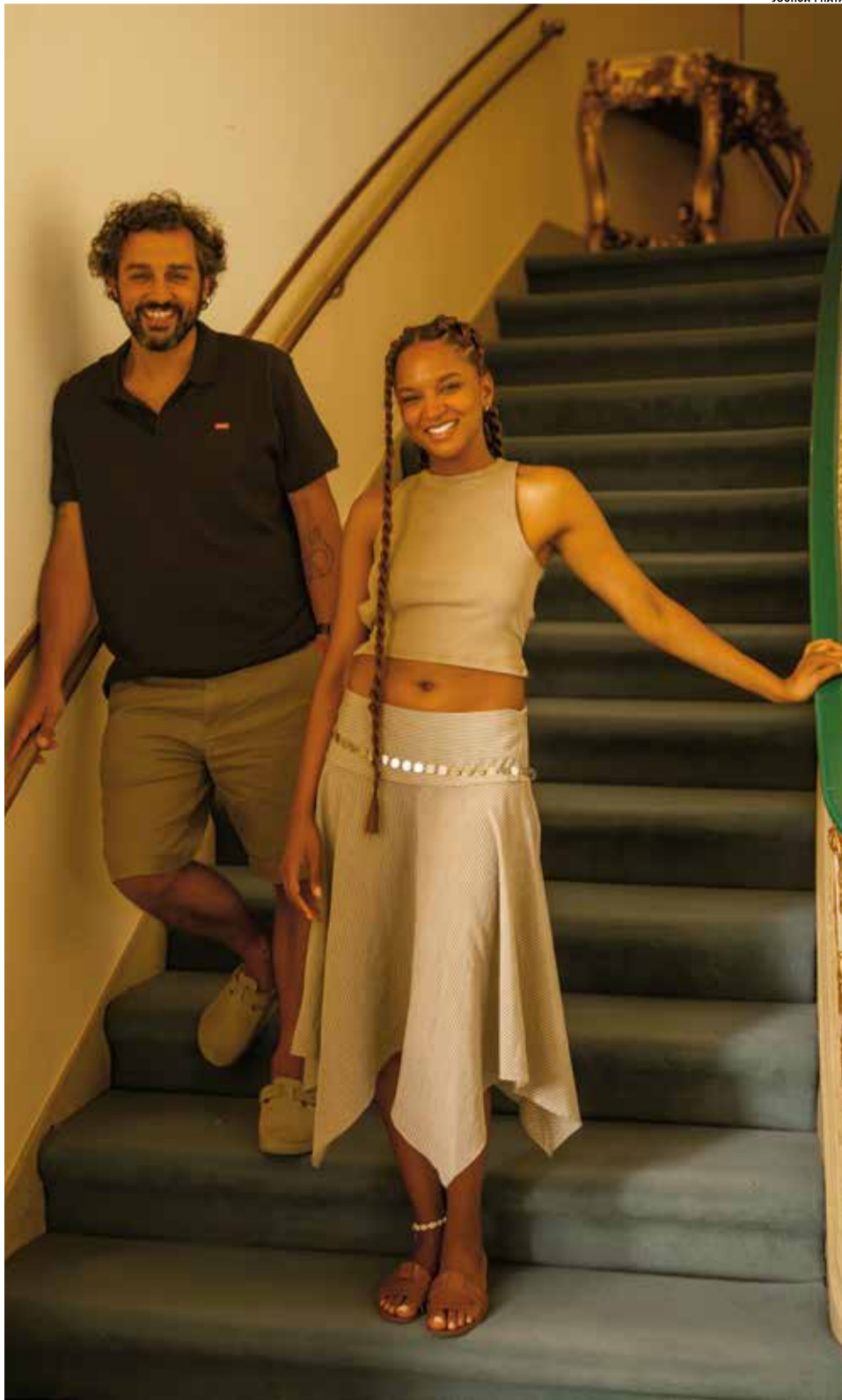
“A peça é um quebrar de tabus, de barreiras, de formações que a nossa sociedade tem. E questiona o que estamos aqui a fazer, quem queremos ser e a forma como a nossa loucura pode conviver na relação com o outro e com a sociedade.”

A primeira vez que viu a história da Alice foi na infância, no célebre filme da Disney. Na altura sentiu-se incomodado, a história assustava-o por ser num mundo tão pouco real. Gosta de coisas mais palpáveis. Afirmar uma complementaridade entre realidade e imaginação:

“Nós podemos fazer o que nós quisermos a partir de um conteúdo sempre real. Nós não sonhamos com aquilo que não existe. A nossa imaginação vem sempre de algo concreto.”

Para ele o Trindade apresenta um conjunto de recursos técnicos que lhe permitem criar o dispositivo de ilusão e fantasia sugerido pela obra e está entusiasmado com a equipa que tem:

“Acho que é a equipa mais incrível que



JOSHUA PRATAS

Marco Medeiros e Soraia Tavares empolgados com “Alice no País das Maravilhas”

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

4 SET a 28 DEZ 4.ª a sáb. 21h; dom. 16h30

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

De Lewis Carroll

Tradução Maria João da Rocha Afonso

Encenação Marco Medeiros

Direção musical Artur Guimarães

Com Alexandre Carvalho, Diogo Mesquita, FF, JP Costa, Mariana Lencastre, Rita Tristão da Silva, Romeu Vala, Ruben Madureira, Sissi Martins, Soraia Tavares

Cenografia Ângela Rocha

Figurinos Rafaela Mapril

Desenho de luz Marco Medeiros

Desenho de som Sérgio Milhano

Movimento JP Costa

Assistência de encenação Rebeca Duarte

Produção Teatro da Trindade INATEL

“subtexto”, ou seja o conjunto de contextualizações e motivações da personagem que suportam a adaptação da atriz ao papel:

“Nós estamos numa realidade em que temos muitas regras, e eu estou habituada a essas regras, mas de repente entro num mundo onde as regras parecem estar invertidas, onde o que eu acho que é certo pode estar errado, onde tudo é ao contrário e tenho esse confronto. E é um pouco por aí que eu vejo todo este espetáculo.”

Estamos já no final da conversa, ficamos com a sensação de que haveria muito mais a ouvir desta artista, que é muito exigente consigo mesma, muito trabalhadora. E que só pensou ir para teatro quando a mãe a incentivou a entrar na Escola de Teatro em Cascais. Se não fosse o teatro provavelmente teria ido para o jornalismo, para comunicação. Soraia tem a sorte de ter duas culturas dentro dela, a cabo-verdiana e a portuguesa. Encontrar um lugar onde conviver com essa diversidade cultural foi um processo de crescimento:

“O importante era encontrar em mim uma zona pacífica. O que eu sentia é que o teatro, a escola, as indústrias pediam que eu falasse muito bem, que eu me comportasse de certa maneira. E a verdade é que nós, nos bairros sociais, temos outra forma de estar, outra forma de falar. Cantamos e falamos crioulo, dançamos quizomba, comemos cachupa. Vivi com tudo isto em casa e depois quando saía tentava-me encaixar nos sítios onde estava. E acho que com a maturidade, com o meu crescimento e com o meu lugar de fala que fui conquistando, fui percebendo que eu podia realmente viver as duas coisas. E acho que a música é até o sítio na minha arte onde eu tenho conseguido mais pôr isso, ir buscar essas minhas raízes.” JOAQUIM PAULO NOGUEIRA

“É UM ESPETÁCULO DE MUITA LOUCURA E COMO VEM DESTA ZONA DO ONÍRICO, A SENSÇÃO QUE TEMOS É QUE TUDO VALE. E AS PESSOAS TAMBÉM VÃO ENTRAR NESTE MUNDO”
SORAIA TAVARES

alguém pode ter. Porque é um conjunto de criativos que têm todos eles uma opinião. E encontram e sugerem soluções.”

SORAIA TAVARES, ENTRE DUAS CULTURAS

Aos 31 anos Soraia conquistou já um lugar de destaque como atriz e como cantora, estando muito à vontade no campo do teatro musical. Sente que está num grupo que quer dar o máximo com as valências todas que tem, desde a representação à dança e ao canto:

“Talvez seja possível irmos a sítios onde nem nós próprios estávamos habituados a ir. Este grupo quer superar todas as expectativas e pode ter aqui o espetáculo certo também para isso. É um espetáculo de muita loucura e como vem desta zona do onírico, a sensação que temos é que tudo vale. E as pessoas também vão entrar neste mundo.”

Sem nenhuma relação anterior com esta obra, o trabalho de pesquisa que Soraia teve de fazer levou-a a construir aquilo que na gíria teatral se chama o

MEMÓRIAS DE JÚLIO ISIDRO

QUANDO AS TRADIÇÕES
CHEGAM À CIDADE

Ou quando a cidade se encontra com a identidade portuguesa, acontece a Cidade das Tradições.

Tenho uma vida plena de trabalho e trabalhos, nas mais diversas áreas, mas quando há 11 anos fui convidado para apresentar um evento onde uma parte do país se mostrava em plenitude e vitalidade, percebi que esta condição de ser português resulta da nossa história e do que fomos fazendo ao longo dos tempos.

Apresentei duas edições da Cidade das Tradições e fiquei marcado por esta iniciativa da Fundação INATEL, uma ideia simples e de tão complexa concretização.

Já foram a uma das três edições deste evento?

Se não, aqui partilho o que vi, senti e o que disse.

Ao longo de três dias o Estádio 1.º de Maio anima-se, diria agita-se, mostrando uma região do país para divulgar e promover as suas artes e práticas culturais.

Num mundo cada vez mais globalizado, diria mesmo massificado, são as fronteiras e as culturas que justificam e explicam as diferentes independências.

Portugal, pequeno em território, antigo, não velho na sua idade e desenho territorial, é enorme na sua diversidade cultural e artística.

Foi isso que me surpreendeu em 2014 e depois em 2015 quando percorri a pé e de microfone na mão os recantos e cantos do meu país.

Uma coisa é saber por formação ou informação um pouco das tradições rurais e urbanas que moldam a nossa forma de estar no mundo. Outra é testemunhar, ali ao pé dos olhos, das mãos e da palavra, a nossa riqueza patrimonial.

Há 10 anos, a Cidade das Tradições recebeu mais de 20 mil visitantes. Falei com



ARQUIVO FUNDAÇÃO INATEL

tantos, cumprimentei muitos e garanto que só via caras felizes.

A verdade é que o nosso mundo, não é apenas o que importamos enquanto país aberto a quem nos pode valorizar e modernizar culturalmente.

Mas nestes tempos em que Portugal está de moda e recebe anualmente milhões de turistas, estou certo que muitos irão visitar a nossa Cidade das Tradições.

Temos que os informar que no bairro de Alvalade há um estádio que os convida para conhecerem os nossos saberes e fazeres. Que podem provar os nossos únicos sabores e sentirem os amores com que são confeccionados.

O estádio e todos os seus espaços vão estar cheios de oficinas onde muitos de nós poderão aprender a construir e dar os primeiros acordes numa viola braguesa ou amarantina.

Logo ali ao lado, os mais pequenos par-

ticipam em jogos tradicionais esquecendo por momentos o teclado do telemóvel.

Outros irão à descoberta dessa arte finíssima das filigranas de Gondomar ou da Póvoa de Lanhoso. Talvez que no final o jovem casal leve para casa uma peça que marque o dia em que se encontraram com talentos de mãos finas como filigrana.

À volta de uma barraquinha de quatro paus e um pano, a gente recorda os nossos tempos de miúdos quando o teatro de Robertos se instalava na esquina da rua. Os mais velhos ficam mais novos e os mais novos ficam a saber como se divertiam os pais e avós.

E aquele turista louro que vai entrar na roda de um rancho folclórico e rodopia até ficar tonto? Não se vai esquecer dos trajes coloridos das moçoilas e do som dos cavaquinhos e das caixas de rufar que marcavam o ritmo das vozes populares.

A Cidade das Tradições não é uma ex-

posição do género, “não tocar nos objectos expostos”. É um país a mostrar-se tal como foi e ainda é, verdadeiro, hospitaleiro e atraente.

Um grupo de bombos, Zés Pereiras e Cabeçudos marcha pelas ruas desta cidade, seguido por uma multidão de gente animada pela mensagem de que ser desta terra pode ser uma forma de bem-estar.

Não vou adiantar muito mais sobre os grandes momentos musicais, mas estou a adivinhar o prazer para os espectadores na bancada, na comemoração dos 10 anos do Cante Alentejano como Património Cultural Imaterial da Humanidade. São as raízes do canto clássico e popular por esses guardiões da tradição. Imperdível quando ouvirmos a voz cristalina de Isabel Silvestre e o Grupo de Cantares de Manhouce que teve a sua primeira actuação em televisão comigo. Lá estarei, com o público, para os acompanhar baixinho e aplaudir de pé. Quando acontecer o Canto e as Vozes de Mulheres/Polifonias Femininas de Viana do Castelo, 50 vozes irão ecoar nesta Lisboa que nem sempre ouve os sons que nos pertencem.

Estes e outros concertos irão acontecer quando o sol já se pôs na magia de um palco grande, perante uma audiência que vai sentir essa forma única de vida, o cantar e viver em coro.

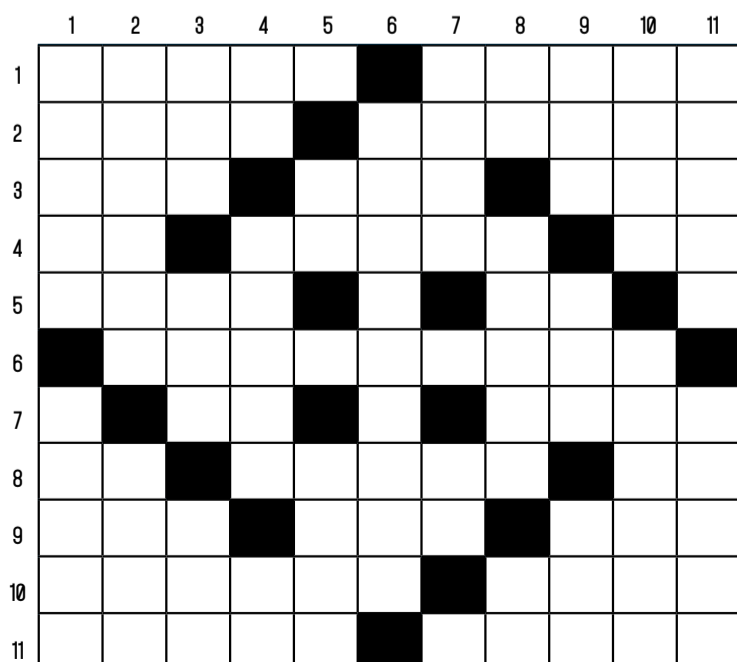
A Câmara Municipal de Lisboa, a Unesco, o Turismo de Portugal e a associação Portugal sou eu, são algumas das entidades envolvidas neste projecto que volta passados dez anos, a Cidade das Tradições, dedicado à região do Porto e Norte de Portugal.

Pela minha parte e entre o muito que irei fazer como cicerone, testemunha ou repórter do acontecimento, quero guardar um bocadinho para moldar e pintar um Galo de Barcelos.

[O autor escreve de acordo com a antiga ortografia]

PALAVRAS CRUZADAS

POR JOSÉ LATTAS



HORIZONTAIS:

1-Selhas; Dificuldades. 2-Prezar; Naco. 3-Gracejas; Caules; Num computador, a memória, que só permite leitura e contém as informações básicas do sistema. 4-Ástato (s-q); Cacetes; Letra grega, que representa em física, a grandeza *resistividade*. 5-Bornal; Artigo antigo. 6-Enfadonhos. 7-Nota musical; Círculos. 8-Abreviatura de *senhor*; Corrige; Descoberto. 9-Anuência; Estatuto; Textualmente. 10-Impugnans; Fantasma. 11-Esmurrar; Afagos.

VERTICAIS:

1-Defeitos; Inflamas. 2-Fingem; Praxe. 3-Contração da preposição *em*, com o artigo definido a (pl.); Óxido de cálcio; Maternidade Alfredo da Costa (sigla). 4-Árgon (s.q.); Cachopas; Aqui. 5-O mais comprido dos rios italianos, que desagua no Mar Adriático, cerca de 50 Km a sul de Veneza; Esvoaçar. 6-Ímpios. 7-Áspera; Queixume. 8-Coligação política; Existirás; Nota musical. 9-Penates; Devanear; Preposição, que se opõe à preposição *com*. 10-Ave de rapina diurna, parecida com o falcão; Ruído. 11-Estamos; Essências.

SOLUÇÕES: (Todas as letras nas HORIZONTAIS)

MIMOS.
1-TINAS; TALAS. 2-AMAR. 3-RIS. 4-AT. 5-SACO. 6-EL. 7-MA-
ÇADORES. 7-A; LA; O; AROS. 8-SR; SARAS; NU. 9-SIM; LEI; SIC. 10-ATAÇAS; MEDO. 11-SOCAR.

O CAIS DO OLHAR

NA FRONTEIRA ENTRE O REAL
E O FICCIONADO

Compreender o mundo com o poder infinito de observar

Revisitar vida e obra de artistas fundamentais através do olhar ensaístico, de uma perspectiva contemporânea, e da revelação de um arquivo perdido, e uma imersão singular sobre o processo de aprendizagem como homenagem aos professores, são as nossas propostas de obras que fazem refletir e aproximar instantaneamente. Ainda de regresso às salas, uma aventura pela filmografia inédita dos Lumière, vinda do século XIX, para limpá-los os olhos e assistirmos de novo ao nascimento do cinema.

A Mulher que Morreu de Pé, de Rosa Coutinho Cabral | Portugal, 2024

• Ensaio cinematográfico que navega por uma cartografia poética, seguindo um grupo de teatro, entre São Miguel, terra natal de Natália Correia, e Lisboa, onde viveu grande parte da vida, passando pelo Botequim, Assembleia da República,

Hotel Britânia, Teatro Micaelense, Parque Terra Nostra. Convocam-se atores, materiais de arquivo, poemas, testemunhos e lugares, que ajudam a escavar mitos, fantasmas e dores, e nos fazem viajar pelas muitas dimensões de Natália poeta, cronista, dramaturga, editora, feminista, política, provocadora; deixa-se que ela viva na memória em toda a sua complexidade, em toda a sua liberdade, e tenta-se “decantar uma *persona dramatis* que a morte não derruba”.

Riefenstahl, de Andres Veiel | Alemanha, 2024

• Análise crítica de uma das mais controversas figuras do séc. XX, que sempre alegou ser apenas uma profissional contratada, negando persistentemente proximidade com Hitler e Goebbels, tornando-se, porém, a principal cineasta do regime nazi.

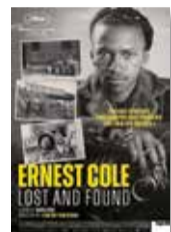
As suas obras mais célebres, *Triunfo da Vontade* (1935) e *Olympia* (1938), reconhecidas pela inovação técnica e estética (uso pioneiro de câmaras móveis e ângulos ousados), notabilizaram-se como ícones da propaganda do III Reich, da

glorificação da força e perfeição física. Recorrendo agora a material inédito do arquivo pessoal de Riefenstahl, o documentarista Andres Veiel traça um retrato desta mulher complexa contextualizando historicamente o seu legado e situando-o no presente histórico, questionando a atualidade dos códigos visuais e a relevância das mensagens implícitas, com o fascismo, a desinformação e a manipulação a emergirem no espaço público.

Ernest Cole, Perdido e Achado, de Raoul Peck | França, EUA, 2024

• Dirigido pelo haitiano Raoul Peck

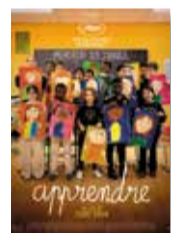
(*Eu Não Sou o Teu Negro*, 2016), o documentário narra o percurso individual épico de Ernest Cole, fotógrafo pioneiro na exposição a um público mundial dos horrores do *apartheid* na África do Sul e, mais tarde, dos seus ecos em Nova York e sul dos Estados Unidos. Contado através da objetiva do seu trabalho ativista e dos textos dos diários (interpretados por LaKeith Stanfield), o filme confronta-nos com as deambulações, a agitação e raiva, perante a cumplicidade do mundo ocidental, revela um artista fundamental,



e desvenda o mistério de mais 60 mil negativos em 35 mm, da sua autoria, considerados para sempre perdidos, e inexplicavelmente descobertos no cofre de um banco sueco.

Aprender, de Claire Simon | França, 2024

• Protagonista de uma revolução documental no cinema francês, autora do aclamado *Récréations* (1998), Claire Simon volta a explorar a “sociedade das crianças”, imergindo-nos no quotidiano da escola primária Makarenko, nos arredores de Paris, filmando com câmara de mão e grandes planos dos seus rostos concentrados, como verdadeiros heróis, transportando-nos de volta às memórias da escola. Numa homenagem ao ensino público, em crise pelo subfinanciamento educativo, observamos os professores, com perseverança, empatia e gentileza, não as preparam apenas para serem aprendizes, mas também as educam para se descobrirem na sua própria humanidade.

**Lumière, A Aventura Continua!, de Thierry Frémaux | França, 2024**

• Thierry Frémaux, diretor do Instituto Lumière e do Festival de Cannes, traz de novo às salas escuras, impecavelmente restaurados, os primeiros filmes da história, exibidos em 1895 graças ao cinematógrafo de Auguste e Louis Lumière, após o grande sucesso e lançamento mundial do seu antecessor Lumière! *A Aventura Começa* (2016). Com *A Aventura Continua!*, Frémaux



honra o “dever de restituição” das pequenas joias filmadas em Lyon, Argel, Lisboa ou Nova Iorque, aprofundando a história da invenção e afirmação da 7.ª arte no mundo. Grande conhecedor desta odisséia de 130 anos, ele conta-a com paixão e emoção, num tributo de amor ao nascimento do cinema, confirmando-nos que nas suas origens radicam as maiores e mais belas obras da humanidade. **SOFIA TOMAZ**

CANTO DOS LIVROS

“O romance é inimigo da rapidez, a leitura deve ser lenta e o leitor deve ficar rendido ao charme de uma página, de um parágrafo, de uma frase” (Milan Kundera). Com as sugestões das nossas editoras parceiras, E-primatur e Sítio do Livro, idealizamos um tempo tranquilo de lazer para ir ao encontro do charme das palavras

A Coroa – A Saga de Kristin Lavransdatter, vol. I, de Sigrid Undset (Traduzido do norueguês por João Reis)

Páginas 352 | PVP 22,00 euros

(Associados: desconto 10%)

• Considerado um dos melhores romances históricos de todos os tempos, este primeiro volume da autora norueguesa,



que recebeu o Prémio Nobel da Literatura em 1928, segue uma personagem feminina desde a infância à sua morte. Kristin, mulher inteligente e com personalidade, vive na baixa Idade Média na Escandinávia, poucos anos após a decadência dos vikings. Numa época de transformação e reinvenção social, Kristin vai desafiar estereótipos para viver a vida à sua maneira. Uma obra intemporal traduzida em mais de 60 línguas.

Estranha Profecia e Outros Textos, de Heinrich von Kleist (Introd., Org. e Notas de Bruno C. Duarte)

Páginas 272 | PVP 16,90 euros

(Associados: desconto 30%)



• Heinrich von Kleist, um dos maiores expoentes da literatura alemã do século XIX, foi diretor de dois jornais de grande tiragem. No tempo em que o jornal era composto por colunas, por vezes, um artigo terminava sem completar a coluna, e o espaço de algumas linhas era preenchido por pequenas notícias, anedotas, curiosidades. Neste volume recolhem-se esses textos reveladores do seu tempo. Uma leitura que pode surpreender e divertir.

As Tábuas da Lei – Ficção Completa, de W. B. Yeats | Páginas 360 | PVP 23,90 euros

(Associados: desconto 30%)

• Conhecido essencialmente como poeta, o Nobel Yeats foi também um prosador extraordinário cujos textos influenciaram grandes nomes da literatura mundial, entre outros, Fernando Pessoa. Esta é a primeira recolha completa da sua prosa de ficção: contos, novelas e um romance inacabado. Yeats mistura o ideário da mitologia céltica para renovar a ficção criando histórias cheias de significações místicas que, ao mesmo tempo, revelam o que acontece ao cidadão comum, filho de uma pobre Irlanda em luta pela independência relativamente ao Reino Unido, quando confrontado com forças que estão além do seu entendimento.

**Volúpia – A Nona Arte: A Gastronomia, de Albino Forjaz de Sampaio**

Páginas 264 | PVP 16,00 euros

(Associados: desconto 10%)

• Um detalhado cardápio das principais características das diferentes tradições culinárias do mundo ocidental. E das diferentes tradições da culinária lusitana. Não é um livro de receitas, é um manual de informação sobre a arte de bem comer. A história dos mais antigos livros de culinária do mundo ocidental. Inclui curiosidades e preciosidades, aperitivos para abrir o apetite ao mais distraído dos *gourmands*. **TERESA JOEL**



Loja online: www.e-primatur.com

Informações: geral@e-primatur.com

Os associados devem inserir o código

de desconto: INATEL2021

A Tríade Disjuntiva: Literatura, Antropologia e Educação, de Luís Souta

Páginas 302 | 19,50 euros



• Obra composta por duas partes. A primeira, “Literatura: o pão nosso de cada dia”, de carácter mais teórico, centra-se na literatura e nas suas relações (ténues) com a Antropologia e (dúbias) com a Educação. Na segunda parte, “Graffitar a Literatura”, inclui-se um conjunto de trinta textos, em que se parte sempre de trabalhos de *street art* (de vinte *graffiters* nacionais e estrangeiros), com o propósito de (re)descobrir obras de escritores portugueses e estrangeiros.

Calvinismo para laicos – Uma nova perspectiva, de Manuel Cardoso

Páginas 192 | 12,00 euros

• Desde que Max Weber escreveu *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, o calvinismo passou a chamar mais a atenção como doutrina ligada ao sucesso individual e ao empreendedorismo. Neste livro são apresentadas as crenças mais excitantes do calvinismo, como a doutrina da predestinação, a crença na bem-aventurança dos eleitos, a confiança na vocação própria, e a condenação dos réprobos.



Loja online: www.sitiodolivro.pt | Informações: encomendas@sitiodolivro.pt

Os Associados da Fundação Inatel interessados em publicar uma obra têm direito a uma quantidade adicional grátis de 10% na tiragem inicial do livro a publicar através do Sítio do Livro. Para o efeito, devem identificar-se como associados Inatel logo no primeiro contacto. Para saber mais: <https://www.sitiodolivro.pt/Como-publicar>.

A QUEM FAZ DAS CARÊNCIAS TIJOLOS E CONSTRÓI CASTELOS DE AREIA



PEDRO MESQUITA

Nas memórias de verão, mais ou menos distantes, tropeço em castelos de areia, mas há, também, igrejas subterrâneas, esculpidas na terra avermelhada. Os castelos foram cuidadosamente construídos por mim, pela minha irmã e pelos nossos primos na “praia velha” de Esmoriz ou junto à barrinha, nos distantes anos 70 e 80 do século passado.

As outras – memórias muito mais frescas – são 11 igrejas monolíticas do século XII da era cristã, escavadas no subsolo de Lalibela, bem no interior norte da Etiópia.

De todas elas, interligadas por túneis estreitos e discretos que também eu percorri, a construção que mais *megabytes* ocupa na minha memória é a igreja de São Jorge. Tem a forma de uma cruz grega e ergue-se



a uns 10 ou 12 metros de altura. Ou melhor, de profundidade.

A ideia – com um resultado verdadeiramente mágico – seria, justamente, que esta e as restantes igrejas não fossem avistadas na linha do horizonte, nos longínquos tempos da guerra com os muçulmanos.

Mas não se pense que é escuro, por dentro, este templo tão procurado por cristãos coptas ao longo de séculos nas peregrinações e, mais recentemente, também por turistas, como eu.

Nada disso. Das janelas que se abrem a toda a volta – mas não distraem o recolhimento – escorrem fios de luz que trespassam toda a igreja e iluminam as telas coloridas, os livros sagrados e as sepulturas.

Já regresso às “construções de areia” da Etiópia e não só às igrejas que o rei Gebre Mesqel Lalibela mandou erigir durante as cruzadas. “O Tesouro da Abissínia”,

com as suas imagens bíblicas, continua a brilhar no século XXI, e tenho mais uma história de vida para contar.

Mas antes, regresso às memórias mais distantes, quando lançava o pião de madeira e tinha os meus joelhos permanentemente arranhados.

Ano após ano, os meus avós maternos – Francisco e Adelaide – alugavam uma barraca de praia, no mês de agosto. Era uma espécie de casa de verão, às riscas verdes, azuis ou amarelas. E naquela pequena aldeia junto ao mar, montada com traves de madeira sobre a areia branca, conheci alguns vizinhos de sempre, incluindo um médico conceituado do Porto, e a sua mulher. E os filhos. E depois os netos. E depois só eles.

Juntos, a miudagem toda, jogávamos à bola e construíamos castelos escavados na areia, que o mar levava na maré cheia.

Naquela altura, além da bola gigante azul-nívea, recordo que uma simples dentada numa sandes me obrigava a fazer digestão de três horas, ou mais... assim ditava a minha avó.

Recordo que íamos à praia, estivesse sol ou não, ou nortada e neblina...

A barraca era sempre um bom refúgio nos dias frios e cinzentos de verão. Pela hora do almoço trocavam-se coxas de frango por panados, como se fossem cromos, e havia arroz de forno. Também as batatas fritas de pacote faziam sucesso.

Depois, pelas margens da barrinha – que serviu de pista aos hidroaviões, nos

anos 60, mas estava cada vez mais adelgada – caminhava vagarosamente uma mulher de bata branca com um cesto à cabeça. Errado: Não levava bolas de Berlim! Carregava doces de ovos moles, forrados com hóstia, que me deixavam sempre de água na boca bem antes da ida ao mar.

Recordo igualmente o banheiro Américo. Desconfiava sempre dele porque se contavam histórias dos meninos que atirou ao mar. Já na altura havia notícias pouco rigorosas e sem verificação de factos. Na verdade, Américo não metia medo a ninguém. Pelo contrário, ensinou inúmeras crianças e adultos a nadar, e resgatou com vida outros tantos que se aventuravam nas marés vivas, fazendo “ouvidos moucos” ao apito do banheiro.

Com agosto já em final de tarde, ao pôr-do-sol, recupero mais duas memórias que se juntam aos meus castelos de areia... a começar pela bola de sardinhas, que a minha avó sempre partilhava com os vizinhos de barraca, antes de regressarmos ao Porto. Estava cada vez mais apurada e picante.

Também não esquecerei o tradicional banho coletivo ao amanhecer. Ia Esmoriz em peso, com vestidos e calças de papel. Íamos todos em fim de festa. No ano seguinte voltaria a acontecer.

Nestas antigas memórias, que já ultrapassam os 4000 caracteres, regresso ainda à Etiópia e às suas “construções na areia”. Foi, provavelmente, a viagem da minha vida. Encontrei um povo muito pobre e imensamente rico.

Em Lalibela, não há apenas igrejas escavadas na terra com séculos de história. Há pessoas de há mil anos, em peregrinação no século XXI; há crianças, muitas, que descem as montanhas só para me abraçar; há mulheres a amamentar o menino, a céu aberto; há velhos que contam histórias em silêncio.

E por entre essas imagens bíblicas, de pessoas que trazem uma cruz ao peito, conheci um rapaz de oito ou nove anos. Estava descalço e curioso. Carregava um bidão cheio, em cada mão. Era água para a construção de uma casa, feita de terra e estrume.

Por entre gestos, sorrisos e uma fotografia, convidou-me a ver a obra por dentro juntamente com os pais. Entrei. Não lhe faltava, sequer, uma janela recortada na parede. Era um verdadeiro “castelo de areia”. Ainda há quem faça das carências tijolos.

A BARRACA ERA SEMPRE UM BOM REFUGIO NOS DIAS FRIOS E CINZENTOS DE VERÃO. PELA HORA DO ALMOÇO TROCAVAM-SE COXAS DE FRANGO POR PANADOS, COMO SE FOSSEM CROMOS, E HAVIA ARROZ DE FORNO



PLANO DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO

ACADEMIA

INATEL

INSCRIÇÕES ABERTAS

DANÇA | TEATRO | MÚSICA | FOTOGRAFIA | ARTESANATO | ARTES PLÁSTICAS
INFORMÁTICA | LITERACIA DIGITAL | LÍNGUAS ESTRANGEIRAS | ESCRITA
TURISMO | DESPORTO | ENVELHECIMENTO ATIVO E SAUDÁVEL

Para mais informações:
www.inatel.pt | 211 156 040* | academia@inatel.pt
* Chamada para rede fixa nacional



Aproveite o sol e o desconto em painéis fotovoltaicos

Oferta de desconto de 150€ na instalação de painéis fotovoltaicos Galp, aos associados individuais da INATEL. Faça a simulação em galpsolar.com com o código de desconto INATELC e, na contratação, identifique-se com o seu número de associado.

**Oferta
de 150€**
na instalação
de painéis
solares



O cartão
de quem sabe
aproveitar

galp.com/inatel